

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS III - JUAZEIRO**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO EM MULTIMEIOS**

PEDRO HENRIQUE MIRANDA SANTOS

**IDENTIDADE FORJADA**

Juazeiro  
2022

PEDRO HENRIQUE MIRANDA SANTOS

**IDENTIDADE FORJADA**

Memorial analítico descritivo, apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção de grau em bacharel em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Teresa Leonel Costa

Juazeiro  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S237i

Santos, Pedro Henrique Miranda

Identidade Forjada / Pedro Henrique Miranda Santos. Juazeiro-BA, 2022.  
72 fls.: il.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Leonel Costa.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios) –  
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.  
Campus III. 2022.

1. Identidade (Psicologia). 2. Identidade e sexualidade. 3. Podcast narrativo.  
4. Teoria Queer. 5. Nordeste – Sexualidade. 6. LGBTQIA+. I. Costa, Teresa Leonel.  
II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.  
III. Título.

CDD: 155.20943613

PEDRO HENRIQUE MIRANDA SANTOS

**IDENTIDADE FORJADA**

Memorial analítico descritivo, apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção de grau em bacharel em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

**Aprovado em 15 de dezembro de 2022.**



Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Teresa Leonel Costa



Examinadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Carla Conceição da Silva Paiva



Examinadora: Joana Karla de Lima Gomes Suarez

Juazeiro  
2022

*“Você não pode ser o que não pode enxergar”*

Marian Wright Edelman

## AGRADECIMENTOS

Durante a minha trajetória acadêmica, muitas pessoas especiais cruzaram meu caminho. Lembro-me de sentir bastante insegurança para tentar uma bolsa nos projetos acadêmicos ou mesmo na Iniciação Científica (IC) da Universidade. E por isso, não poderia iniciar os agradecimentos sem citar a professora Fabíola Moura. Ela foi a primeira a confiar em mim para participar da IC sobre o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB), entre outros projetos. O que, sem dúvidas, foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida. Por conta desses aprendizados, conquistei tantas coisas e ampliei a minha perspectiva sobre o jornalismo, e, principalmente, voltado para a convivência com o Semiárido. Muito obrigado, Fabíola! Levarei comigo todos os seus conselhos sobre a postura de um jornalista, menos o de que dormir é apenas um detalhe.

Quando Fabíola tirou licença, fui adotado por quem hoje é a minha orientadora. Desde o início da pandemia ela topou participar do projeto mais importante para minha formação, o podcast ‘Tome Tente, Coronavírus!’. Ali pude ver na prática que estava devolvendo à sociedade todo o investimento público nas universidades, além de ter entendido a essência e função do Jornalismo. Sem Teresa Leonel, provavelmente, não teria aprendido tanto, conquistado tanto, além de ter alcançado voos nunca pretendidos. Não é possível mensurar o tamanho da importância dela na minha trajetória acadêmica. Muito obrigado por ter acreditado em mim e ter se mantido comigo até o fim da graduação. A senhora é luz!

Também jamais poderia deixar de citar a quantidade de vezes que Andrea Santos me ajudou nessa jornada. Mesmo ali nos bastidores, nos momentos mais difíceis, estressantes, ela esteve lá para me apoiar no que eu precisasse. Ela sempre viu potencial em mim e foi uma das pessoas que mais me motivou a tentar todas as oportunidades que apareceram, inclusive o estágio no g1. Andrea, mesmo não se propondo a exercer esse papel, agiu como uma mãe na UNEB. Te agradeço por tudo que fez indiretamente e diretamente por mim.

Além delas, tive o prazer de aprender com Ceres Santos e Pók Ribeiro. Foi durante a disciplina de Análise do Discurso que minha percepção sobre o mundo se expandiu, o que me irrita, de certa forma, porque dado o cenário atual do país, não gostaria de entender sobre tantas coisas. Mas, mesmo assim, vocês duas também mudaram minha vida! Obrigado pelas trocas e pela disposição de nos ensinar.

Professor André, o senhor foi uma das pessoas mais incríveis que tive o prazer de aprender nessa vida. Tudo que o senhor ensinou na sala de aula ainda está vivo na minha memória. O senhor corrigiu meu primeiro artigo acadêmico. A primeira versão, claro, estava

vergonhosa, mas pacientemente me orientou como melhorar para alcançar um resultado satisfatório ao ponto de receber nota 10. O senhor também me transformou. Muito obrigado pela partilha! O senhor deve saber que faz a diferença em todo espaço que ocupa.

No fim do curso, mesmo com receio sobre a fama dela de ser exigente e durona, tive aula com uma das melhores professoras da minha vida, Carla Paiva. Poucas vezes na vida vi alguém tão apaixonada pelo que faz. E o melhor, que nos mantém motivados mesmo sendo tão exigente com tudo que nos foi proposto. Obrigado, Carla! A senhora também transformou a minha vida, provavelmente, sem perceber.

Agradeço também a quase todos os professores e colegas que compartilharam momentos felizes e de exaustão durante os períodos do curso, porque concluir a formação só foi possível porque estivemos juntos nesse propósito.

Ainda da UNEB, agradeço a Glícia Lopes, Nara Victoria e Kate Tavares. Durante vários trabalhos elas foram meu grupo de sempre. Enfrentamos tantas coisas para entregar tudo no prazo. Encerro meu ciclo na universidade sabendo que vocês foram partes essenciais para seguir em frente nesse processo tão difícil que é uma graduação. Espero vocês aqui fora!

E para terminar a sessão emotiva da universidade, preciso destacar toda a minha gratidão a Jayanne Rodrigues. Junto dela tive coragem de colocar muitas ideias em prática, além de ter desenvolvido o Tome Tonto, Coronavírus! Jayanne, você foi umas das pessoas mais importantes da minha graduação. Obrigado por ter dividido seu conhecimento comigo, por ter tido paciência, e por hoje sermos amigos e nos apoiarmos em tudo que podemos.

Agradeço a Emerson Rocha, Amanda Lima e Juliane Peixinho por terem sido os melhores supervisores que um estagiário poderia ter tido. Saibam que boa parte do que serei um dia como jornalista, devo a vocês.

Toda a minha gratidão a Joana Suarez, que me contratou como estagiário, me confiou pautas super importantes, além de ter me ensinado tanto sobre o doloroso processo da escrita. Ainda não sou excelente como você, mas espero te dar muito orgulho por isso. Super obrigado, ícone! Seus puxões de orelha ainda continuam fazendo sentido!

Agradeço a meu primo Nélio Amorim, que me ajudou a concluir essa graduação de todas as formas possíveis. Ele mais do que ninguém sempre acreditou no meu potencial. Na ausência do meu pai biológico, ele exerceu o papel de um. Muito obrigado, Nélio! Nunca deixarei de ser gato por tudo que fez por mim.

Agradeço a todos os meus amigos por me tolerarem nos momentos de crise existencial e profissional, especialmente, a Michelli, que sempre se manteve disposta a me ouvir.

E, por fim, agradecer a minha mãe Maria José e a minha irmã Ana Luiza, sem elas eu nem estaria aqui para concluir este trabalho. Obrigado por tudo que fizeram e fazem por mim todos os dias para que eu consiga alcançar meus sonhos. Eu amo vocês profundamente!

Além de agradecer a todos os integrantes da minha família, Benedita, Maria Áurea, Niedja, Arady, Jared, Denise, Jailiny, Marlinda, entre tantos outros que contribuíram da forma que podiam à minha formação, não posso deixar de citar minhas cachorras Rumi, Queen e Pérola. Elas foram meu alento em todos os momentos que enfrentei. Eu amo essas cadelas e não é possível mensurar o quão importante elas foram para me manter minimamente são no meio desse caos, que é a conclusão de um curso.

## RESUMO

Este trabalho busca entender como a cultura heteronormativa impacta a construção da identidade de pessoas LGBTQIA+ de Petrolina, no Sertão de Pernambuco. Para isso, foi utilizado o método exploratório e qualitativo de pesquisa, com entrevistas não-estruturadas, além do suporte da teoria *queer*. O formato em áudio foi escolhido pela capacidade de provocar experiências sensoriais ao ouvir histórias por meio de uma escuta atenta. Na produção de três episódios do podcast narrativo “Identidade Forjada” foi possível perceber as violências que os corpos dessas pessoas enfrentam ao longo do desenvolvimento de suas identidades, que são atravessadas pelas normas da heteronormatividade na região Nordeste e pelo preconceito desde a infância até a fase adulta.

**Palavras-chave:** Podcast narrativo; Identidade e sexualidade; Teoria Queer; Nordeste; LGBTQIA+

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>18</b>
3.1 Teoria Queer	18
3.2 Identidade na teoria queer	22
3.3 Algumas performances construídas no Nordeste	23
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>29</b>
4.1 Descrição do produto	34
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>38</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE 1 – Ficha técnica</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE 2 - Teaser Identidade Forjada</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE 3 - Roteiro EP 1 ‘Performances recomendadas’</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE 4 - Roteiro EP 2 ‘Camadas de Proteção’</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE 5 - Roteiro EP 3 ‘Resgate das Identidades’</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE 6 - Cronograma de atividades</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO - Orçamento do podcast “Identidade Forjada”</b>	<b>73</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O meu envolvimento com as discussões sobre gênero e sexualidade surgiu após ver uma publicação do psicólogo João Brod Jacobs no Instagram<sup>1</sup>, sobre o perfeccionismo causado pela hipervigilância da sociedade em pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup>. As letras da sigla têm significados específicos:

L – Lésbicas: são mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres.

G (gays) homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens.

B – Bissexuais: Diz respeito aos homens e mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelos gêneros masculino e feminino.

T - Transexuais: A transexualidade não se relaciona com a orientação sexual, mas se refere à identidade de gênero. Dessa forma, corresponde às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento. As travestis também são incluídas neste grupo. Porém, apesar de se identificarem com a identidade feminina constituem um terceiro gênero.

Q – Queer: Pessoas com o gênero 'Queer' são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria *queer* defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social.

I – Intersexo: A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal - cromossomos, genitais, hormônios etc - não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino).

A- Assexual: pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum que estas pessoas não vejam as relações sexuais humanas como prioridade.

Mais (+) - é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero. Aqui são incluídos os pansexuais, por exemplo, que sentem atração por outras pessoas, independente do gênero.

No post, o profissional lembra que essas pessoas costumam ser bastante críticas consigo em todos os cenários da vida, além de haver uma cobrança constante de exemplo de perfeição em tudo que se propõem, pois nada está bom o suficiente. E por não serem aceitas, desde crianças, passam a vida buscando aprovação em algum lugar, seja em notas da escola, ajuda em casa ou qualquer outra atividade para compensar e reafirmar a sua existência e utilidade.

Ainda na publicação, o profissional destaca que as pessoas LGBTQIA+ acabam sendo valorizadas pela dedicação, mesmo que custe a autenticidade delas. Nesse sentido, elas não

<sup>1</sup> Fonte: <[https://www.instagram.com/p/Ce1iREnLar6/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/Ce1iREnLar6/?utm_source=ig_web_copy_link)> Acesso em 28 de nov, 2022.

<sup>2</sup> Fonte:< <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>>. Acesso em: 26 nov. 2022

crecem sendo elas mesmas, pois precisam interpretar uma versão que sacrifica a autenticidade para minimizar os danos da rejeição e do preconceito. E que ao se tornarem adultas, precisam separar quais partes são genuínas e quais foram criadas para proteção.

Essas informações me instigaram a investigar como essas questões atravessam a existência dessas pessoas, e a entender como as identidades delas são construídas mesmo em um cenário social que desaprova a existência de pessoas fora do padrão heteronormativo.

O termo “heteronormatividade” foi originado, na década de 1990, pelo pesquisador, Michael Warner, como explica Costa (2012). A palavra refere-se à mentalidade padrão criada pelo sistema social predominante, que basicamente define todas as pessoas como heterossexuais. Nesse sentido, as instituições sociais estabeleceram a heteronormatividade, que pode ser entendida como uma medida de gênero que padroniza e controla como a sociedade deve ser organizada, seguindo o modelo que determina como as pessoas devem viver seus desejos, expressões sexuais e, sobretudo, como devem viver em seus próprios corpos.

O conceito de gênero investe de maneira decisiva contra a lógica naturalista que concebe a mulher e o homem de maneira universal e a-histórica. A palavra gênero é derivada de definições opostas dos sexos biológicos (vagina/pênis) para determinar as identidades de gênero (feminino/masculino) e, conseqüentemente, as identidades sexuais (heterossexual/homossexual), entre tantas outras.

O termo gênero surge na academia em substituição à palavra Mulher, no momento em que o termo feminista buscava desnaturalizar a condição da mulher na sociedade, bem como adentrar, em alguns ramos da ciência onde o estudo sobre mulheres não eram bem aceitos. (CASAGRANDE; CARVALHO, 2005, p.02)

Dessa forma, o gênero é uma construção social que produz e reproduz relações de poder. Foucault (1987), inclusive, destaca que a necessidade de se normatizar as relações está ligada a questões de poder que em nossa sociedade são exercidas em termos de dominação e submissão dos sujeitos. Este controle está inserido desde o primeiro contato com o sistema social em que se vive, no qual se é educado num padrão que visa moldar as pessoas conforme a “normalidade” e obediência às relações de poder. Na perspectiva de Foucault (1997 [1975]), o poder faz mais do que reprimir os sujeitos, ele o produz.

Como este trabalho foi construído a partir da teoria *queer*, é importante destacar o surgimento desse movimento, que se originou no campo das Ciências Humanas, com estudos

linguísticos, literários e discursivos. Depois disso, expandiu-se para outras áreas como as Ciências Sociais (COHEN, 1997).

Embora haja uma resistência quanto à definição da teoria *queer*, segundo Seidman, (2006), ela pode ser compreendida como um estudo de relações de poder dentro da perspectiva foucaultiana. Souza (2017) ao se debruçar nas ideias de Souza e Carrieri (2010) afirma que a teoria *queer* “é um ataque e uma resposta ao universalismo, ao binarismo e ao essencialismo presentes na concepção de sujeito do iluminismo/humanismo”. Portanto, a teoria *queer* seria por definição a problematização do que é considerado normal, do autêntico e do dominante (HALPERIN, 1995).

Desse modo, a teoria *queer* pode ser compreendida como um propósito sempre em construção, pois o futuro não tem como ser previsto (WARNER, 1993). É justamente dentro desse movimento que surge o conceito de heterossexualidade compulsória, para se referir à exigência que todas as pessoas deveriam ser heterossexuais, o que atravessa um discurso social encontrado na política, na família e na educação (SOUZA, 2017).

Ao fazer o recorte geográfico para o Nordeste brasileiro nesta pesquisa, o arcabouço teórico do pesquisador Albuquerque Júnior (1999, 2013) será utilizado para explicar a construção da identidade de sujeitos dessa região. Em suas obras, Albuquerque reflete a produção da subjetividade masculina, os procedimentos de submissão de corpos e a construção de estereótipos nas relações de poder que orientam estratégias explícitas, com discursos que forjaram o ser nordestino.

Segundo Albuquerque Júnior (2013) o universo masculino parece ser autossuficiente, do qual as mulheres não deveriam fazer parte. Ele entende que a região Nordeste parecia excluir qualquer vestígio feminino, sendo a “mulher macho” uma exigência obrigatória da natureza. Para o autor, a representação do nordestino é o resultado de uma série de acontecimentos históricos e de variadas ações de formação de um personagem histórico regional, importante para a história política e cultural do país.

Exemplos de eventos históricos no Nordeste que ainda permeiam o imaginário da população de todo o país são o movimento do cangaço, vaqueiro e coronelismo. De acordo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p. 61), “o cangaço virá reforçar essa imagem do sertanejo como homem violento e do Sertão como uma terra sem lei, submetido ao terror dos bandidos e facínoras”. Silva e Paiva (2019) lembram que o vaqueiro costuma ser representado nas produções audiovisuais “como rude, forte e resistente, por exemplo, o vaqueiro é agigantado e ao mesmo tempo tratado como desajeitado”. Sobre o coronelismo, Leal (1975, p. 40) define como uma “estrutura de poder que tinha maior abrangência em municípios

predominantemente rurais". O meio rural cria um lugar privilegiado para os acontecimentos e desenvolvimento desse sistema, pois é onde se encontram as condições de dominação e subordinação individual, devido à estrutura agrária baseada no latifúndio.

Em ambos os fenômenos citados, o homem é o protagonista, nos quais reforçam a imagem de poder e domínio dessas localidades, ancorados em estruturas de poder bem definidas pelo comportamento, tratamento e modo de se vestir. A cidade de Petrolina<sup>3</sup> está localizada no Sertão pernambucano, distante 712 km da capital, Recife. Ela é a cidade que mais se destaca na Região do Vale do São Francisco, sendo reconhecida no Brasil pela produção de uva, manga e vinho<sup>4</sup>.

Por estar inserida nesse contexto regional do Nordeste, nos relatos, literaturas, produções jornalísticas e imagens sobre a região, o perfil do homem e da mulher nordestina costuma ser retratado quase sempre pela condição de força-bruta, submissão e obediência. Por outro lado o homem ainda se sobressai no discurso, e é apontado também como forte, másculo, viril, e trabalhador (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009). Ao conceituar a dominação masculina como uma preferência universal dada aos homens, Pierre Bourdieu se baseia na

objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho, de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens [...] esquemas imanentes a todos os habitus: moldados em tais condições (BOURDIEU, 2014, p. 54).

Não podemos generalizar os discursos de valorização do homem em toda a região Nordeste, pois cada estado é formado a partir de uma estrutura política e social, mas ao menos no Sertão Pernambucano, ao qual essa pesquisa se dedica a abordar, os hábitos, costumes e comportamentos de referência, ainda são ditados pela ótica masculina.

Face ao exposto, pode-se perceber que as normas heteronormativas exercem determinada influência ao limitar a expressão e a funcionalidade tanto do corpo quanto da sexualidade de pessoas LGTBQIA+, o que causa danos psicológicos significativos. Além disso, a pesquisa foca no Nordeste justamente para entender a relação das performances pré-estabelecidas na região, pois possui características específicas quando comparadas a outras localidades do país.

---

<sup>3</sup> Os estados de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco são margeados pelo Rio São Francisco, que forma a região do Vale do São Francisco. Nesse sentido, o recorte desta pesquisa contempla a cidade de Petrolina (PE). Fonte: <<https://www.gov.br/inmetro/pt-br/assuntos/noticias/pif-da-bons-frutos>>. Acesso em: 22. dez de 2022.

<sup>4</sup> Fonte: Prefeitura de Petrolina <<http://www.petrolina.pe.gov.br/petrolina2015/acidade.php>> Acesso em: 22 dez de 2022.

Portanto, a questão posta para esta pesquisa foi: *Quais os impactos da cultura heteronormativa na construção da identidade LGBTQIA+ na cidade de Petrolina (PE)?*

A hipótese confirmada para esse questionamento é que a construção dessas identidades sexuais é forjada por muitas violências. No caso específico deste trabalho, apontamos algumas delas, visto que a partir das entrevistas realizadas foi possível perceber que as pessoas LGBTQIA+ de Petrolina tendem a desenvolver depressão, timidez excessiva, isolamento social, perda da espontaneidade e, principalmente, baixa estima.

Aos poucos, parte dessa problemática parece ser sanada com o acesso a atendimentos profissionais psicológicos e psiquiátricos. Por outro lado, essas pessoas ainda enfrentam lutas internas ao tentarem construir suas identidades LGBTQIA+ mesmo em uma região na qual as tradições heteronormativas, no prisma do homem macho nordestino, ainda são valorizadas e estimuladas em todas as instituições de poder.

Nesta pesquisa, apontamos como objetivo geral a identificação de alguns impactos da cultura heteronormativa na construção da identidade de pessoas LGBTQIA+ de Petrolina (PE). Encontramos vários elementos que desenham a atuação, postura de vida, um trato forjado de comportamento para estar em sociedade, entre outros fatores que provocam sentimentos de tristeza e ausência de perspectivas das pessoas LGBTQIA+.

Nos objetivos específicos estudamos algumas performances heteronormativas do Nordeste e seus entrecruzamentos com os conceitos de identidade e sexualidade à luz da teoria *queer* e apontamos os principais desafios para as pessoas LGBTQIA+, a partir da produção de um podcast que relata relatando as percepções sobre seus corpos e sexualidade.

## 2. JUSTIFICATIVA

A importância de investigar os impactos da cultura heteronormativa na construção de identidades a partir da teoria *queer* reside no fato de entender de que forma o controle exercido pela heteronormatividade afeta a vida das pessoas, já que estas são compreendidas em situação de semelhança, mesmo quando há subjetividades individuais em diversos cenários políticos e sociais.

Louro (1997), valendo-se das reflexões de Britzman (1996), ressalta que é muito provável que desde a infância os homossexuais tenham aprendido a ocultar desejos percebidos como desviantes, avaliando-os como inadequados e/ou inusitados. O que é representado pelos conceitos de gênero e orientação sexual é atualmente uma ferramenta poderosa para criar desigualdade entre homens e mulheres, sejam eles heterossexuais, cis-gênero ou não. O conceito de cis-gênero é a distinção de pessoas cisgênero de transgênero a partir da concordância (no caso cis) ou da discordância (no caso trans) existente entre a identidade de gênero autodeclarada e o sexo anatômico designado no nascimento (JESUS, 2012).

Essas constatações ratificam a necessidade de promover produções no âmbito da comunicação que aprofundem a percepção das identidades e da existência dessas pessoas. Desse modo, a produção de um estudo, acompanhado de um podcast, para discussão sobre identidades sexuais no Nordeste a partir da perspectiva da teoria *queer*, é imprescindível para pontuar essas discussões nos debates da sociedade. Consequentemente, será possível também ajudar a combater os preconceitos sociais contra esses grupos, especialmente, os que dizem respeito aos corpos e à liberdade sexual e afetiva dessas pessoas.

O presente trabalho também pode contribuir para o campo do jornalismo, trazendo outras perspectivas para a agenda dos veículos brasileiros de comunicação com reflexões sobre as abordagens utilizadas para falar sobre as identidades de pessoas gays, lésbicas e etc.

Além disso, a intersecção entre questões de identidade sexual, Nordeste e teoria *queer*, jamais foi realizada em um produto como podcast no curso de jornalismo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro (BA). Uma abordagem que costuma ser pouco explorada, não só em reportagens, mas também nas próprias pesquisas de comunicação, que se mostram importantes pela possibilidade de

preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida.

Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 47)

Por se tratar de sujeitos que fazem, constroem e rompem com as normas de gênero pré-estabelecidos da região, a exclusão do debate se torna equivocada, dada a extrema conexão que os estudos da têm com os territórios nordestinos. A escassez de pesquisas acadêmicas relacionadas à sexualidade e nordeste traz à comunidade científica uma preocupação iminente. Além disso, essa lacuna no conhecimento destaca a necessidade de pesquisas em campos teóricos relacionados à comunicação.

Nesta pesquisa, defendemos uma proposta para se refletir a identidade LGBTQIA+ fora do modelo social existente, visto que, diante dos padrões impostos e cristalizados da sociedade, especialmente para essas pessoas, quanto à sexualidade e formas afetivas, essa comunidade encontra-se em um lugar marginalizado. Nesse sentido, trata-se de um tema que deve ser enxergado a partir de uma lente política e social.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Teoria *Queer*

A concepção de homossexualidade foi criada no século XIX, em 1869, pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, conforme a terminologia clínica, “as formas de amor carnal entre pessoas do mesmo sexo, impondo-se nas sociedades ocidentais à palavra heterossexualidade, que foi criada em 1888” (GIORGIS, 2011, p. 64). As práticas homoafetivas já existiam, mas o termo ainda não tinha sido utilizado. A expressão só foi aplicada em 1869 por Kertbeny na argumentação contra o código que criminalizava as relações entre pessoas do mesmo sexo. Já em 1887 Richard Von Krafft-Ebing resolve utilizar a palavra no livro dele *Psychopathia sexualis*, no qual trata essa característica como um desvio e anomalia que “são basicamente sinais de uma condição doentia hereditária do sistema nervoso central” e formam “sinais funcionais de degeneração” (KRAFFT--EBING, 2001, p. 5).

É a partir dessas normas, fundamentados pela ciência, que a homossexualidade aparece como uma patologia ou inversão congênita. Mesmo a definição patológica sendo revista anos mais tarde, esse estudo acabou dando outros sentidos a práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e definindo as formas de tratamento, que são reproduzidas em discursos até os dias de hoje.

No início do século XX, os que tinham práticas homoeróticas, especialmente os homens, foram objeto da atenção de médicos e “estudiosos do comportamento humano”, que procuravam classificar e explicar seu comportamento. Os criminologistas também não deixaram de propor relações entre uma “sexualidade desviante” e a prática de delitos criminosos. (BRASIL, 2011, p. 11).

Isso leva a consequências inevitáveis, como a homossexualidade, que passa a entrar no domínio da natureza subjetiva e ocupa uma posição central absoluta na vida dos homossexuais. Nesse sentido, Michael Foucault, cita nos volumes I e II da História da sexualidade (FOUCAULT, 1990, 1999), que o sexo foi incitado a se confessar e a se manifestar por meio das instituições: família, Igreja, Estado, a Medicina, o Direito, a Sociologia, a Psicologia e a Psiquiatria.

A filósofa estadunidense e uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e teoria *queer*, Judith Butler (1990), revisita a obra de Simone de Beauvoir no livro *O Segundo Sexo*, lançado em 1949, quando afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se

mulher”. A frase de Beauvoir, na perspectiva de Butler, mostra que enquanto o sexo no conceito biológico diz respeito a um atributo anatômico, no conceito de gênero refere-se ao masculino e o feminino como uma “construção social”.

No trabalho de Butler, *Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista*, a autora afirma que "a identidade de gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e tabu". Com esse entendimento, a cultura impõe práticas entendidas como femininas ou masculinas, conhecidas como "performatividade" (BUTLER, 1990, p. 8), excluindo aqueles que não se encaixam nesse comportamento pré-definido, o qual Butler cita a heteronormatividade.

Como os atos de fala, os atos de gênero seriam performativos que estariam fora do regime falso/verdadeiro e apontariam para a fragilidade da normatividade de gênero ao explicitarem que a norma só pode funcionar como uma estrutura de citação e de repetição contínua. Corpos performam gêneros, e o fazem pela repetição, sem nunca serem idênticos a si mesmos (RODRIGUES, 2012, p. 153).

Butler (1990, 1993, 2004) afirma que na sexualidade e no gênero não há elementos autênticos ou naturais. Em vez disso, as pessoas constroem as identidades por meio da repetição de performatividades socialmente construídas, e que essas ações podem mudar ao longo do tempo e variar entre os indivíduos:

Por outras palavras, actos e gestos, desejos falados e praticados, criam a ilusão de um núcleo duro de gênero, interior e organizador, uma ilusão perpetuada discursivamente com o propósito da regulação da sexualidade dentro do quadro obrigatório da heterossexualidade reprodutiva. [...] Tal como noutros rituais, a ação do gênero requer uma performance que é repetida. [...] Existem dimensões temporais e colectivas nestas acções, e o seu carácter público não é irrelevante; com efeito, a performance é efetivada com o objectivo estratégico de manter o gênero dentro da sua moldura binária. [...] Esta formulação afasta a concepção de gênero de um modelo de identidade substancial, levando-a para um outro que exige uma concepção de gênero enquanto temporalidade social construída. (BUTLER, 1990, pp. 136, 140-141)

Dessa forma, a identidade não define a realidade, ela se impõe. Butler ressalta que as identidades sexuais apresentadas atualmente, conhecidas pela sigla LGBTQIA+, entre tantas outras rotulações, são excludentes e, portanto, precisam ser desconstruídas para acolhê-las da forma que todos desejam.

Nesse sentido, este trabalho usa essa nomenclatura para se referir às identidades sexuais popularmente conhecidas pela sigla LGBTQIAPN<sup>5</sup>, porém, seguirá a proposta defendida por Butler ao tentar expandir a compreensão dessas definições a partir da teoria *queer*. Para a autora,

não deve paralisar o uso de tais termos, mas, idealmente, estender suas extensões, fazendo-nos considerar a que expensas e para quais propósitos os termos são usados, e através de quais relações de poder tais categorias têm sido forjadas (BUTLER, 1993a, p. 20, tradução de SOUZA, 2017).

Ademais, o termo *queer*, que fora entendido originalmente como algo bizarro, excêntrico, estranho, teve a compreensão ampliada nos anos 1990 e passou a ser usado “no âmbito teórico e político para indicar uma posição ou disposição de contestação e de não conformidade em relação às normas, processos de normalização ou cânones de qualquer ordem” (LOURO, 2017, p.37).

É essencial destacar que uma parcela dos autores responsáveis pelo desenvolvimento de princípios e conceitos compreendidos como o da teoria *queer*, não costumam usar a expressão para definição de suas obras. De acordo com Warner (2012), o termo foi utilizado pioneiramente em 1990 pela autora italiana e professora emérita de História da Consciência na Universidade da Califórnia, Teresa de Lauretis, ao organizar uma conferência na Universidade da Califórnia, intitulada de *Queer Theory*. A intenção dela era unir o termo, que era conhecido de forma pejorativa até então, com a palavra teoria, consagrada pelas ciências humanas (HALPERIN, 2003). Tendo sido a primeira pessoa a publicar um artigo acadêmico com a expressão, Lauretis (1991) pretendia problematizar e colocar, sob suspeita, os conhecimentos científicos e teorias relacionadas a identidades gays e lésbicas, tornando assim *queer* a teoria, ao invés de criar uma nova (HALPERIN, 2003).

Surgida a partir dos Estudos Culturais, a teoria *queer* baseia-se na linguagem dos atos de fala, no sentido de que quando você diz algo, você está fazendo, e em uma linguagem performativa em que a construção é feita pela repetição de discursividades (HADDAD E HADDAD, 2017). “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 1990, p. 200). Assim, a forma como você se comporta, se veste, fala ou age pode ser associada a uma aparência heterossexual,

---

<sup>5</sup> Como a teoria queer está em constante evolução, recentemente a sigla LGTBQIA+ foi atualizada novamente e a letra P e N foram incluídas para representar as pessoas panssexuais e não-binárias. Fonte: <<https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>> Acesso em 22 de dezembro. 2022

homossexual, bissexual, transexual, entre outras identidades sexuais. Para Butler (2003, pp.154-156):

[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os discursos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Esses discursos podem vir a ser determinantes nas identificações sexuais, pois desde o nosso nascimento somos estimulados a adotar uma performance que nos define de acordo com o nosso sexo biológico. Para Butler (1987), nossas identidades são criadas pela cultura que fazemos parte. E que as orientações sexuais, assim o próprio conceito de gênero são impostos por essa cultura antes mesmo de tomarmos consciência das nossas subjetividades.

paradoxalmente, a condição discursiva de reconhecimento social precede e contingência a formação do sujeito: reconhecimento não é conferido pelo sujeito, mas forma o sujeito. Além disso, a impossibilidade de completo reconhecimento, ou seja, de cada vez habitar totalmente o nome pelo qual a identidade social de alguém é inaugurada e mobilizada, implica na instabilidade e incompletude da formação-sujeito (BUTLER, 1993, p. 18, tradução de SOUZA, 2017).

Reis, Teixeira e Mendes (2017) citam Foucault (1988), Scott (1989), Louro (2000), Butler (2003), Costa (2012) e Dornelles (2013) para destacar que “há uma necessidade humana de se identificar, tanto para se diferenciar como para se igualar, aos discursos produzidos acerca dos corpos que disponibilizam opções dicotômicas para que isto ocorra”. Como as identidades LGBTQIA+ não costumam ter referências ao longo do seu desenvolvimento, e quando tem, não são positivas, acabam repetindo performances heteronormativas, pois são reforçados em diversos setores do tecido social. .

Dessa forma, os estudos *queer* se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e os interesses a eles associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomaria, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, na perspectiva queer, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. *Queer* desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a

heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles. (MISKOLCI & SIMÕES, 2007, pp.10-11)

Nesse sentido, para que os sujeitos possam se identificar e se representar, não é necessário que as estruturas sociais sejam limitadas, mas que ocorram em contextos que permitam oscilações, flutuações e multiplicidade de possibilidades humanas de ser e existir sem antes haver uma discussão prévia.

### 3.2 Identidade na teoria *queer*

Atualmente, os processos identitários costumam ser estudados e discutidos a partir da teoria de Stuart Hall (2006), porém, dada as questões associadas à comunidade LGBTQIA+, faz-se necessário analisar essa temática a partir da teoria *queer*, pois a conceituação é diferente e mais adequada para a proposta deste trabalho.

Nesse sentido, Souza (2017) lembra que muitos estudos acadêmicos usam o termo “queer” para descrever os diversos tipos de sexualidades. A palavra costuma ser aplicada de três maneiras diferentes. A primeira, como termo guarda-chuva para todas as identidades sexuais, como uma espécie de acrônimo de LGBTQIA+ (ADAMS, 2012; BAINES, 2010; LITVIN, 2008; RICHARDSON & MCGLYNN, 2011; ROSENBAUM, WALSH, & WOZNIAK, 2012; SCHMIDT, GITHENS, ROCCO & KORMANIK, 2012). A segunda, como uma nova identidade sexual representada pela letra Q na sigla (HILL, 2009; KESETOVIC, 2009; TAYLOR, MALLINSON, & BLOCH, 2008; WILLIS, 2012), e a terceira ressalta as duas formas ao mesmo tempo (GATES, 2012). Nesse cenário, esse tipo de associação, segundo Souza, é um equívoco, pois a teoria *queer* examina a relação entre desejo e identidade, com interesse primário em questionar como as categorias sexuais são consideradas como identidades estáveis (WATSON, 2005).

Desse modo, Souza (2017) reforça que a teoria *queer* não pode ser considerada um estudo de populações gays ou lésbicas. Ela levanta questões sobre o processo de classificação sexual, enfatizando a desconstrução ao invés do estudo de populações específicas. Principalmente, porque estudos de populações presumem identidades estáveis e fixas para a população estudada (SEIDMAN, 1996; WATSON, 2005), algo que a teoria *queer* repudia quando considera identidades fragmentadas e incompletas.

A identidade seria um fluxo entre aspectos como a sexualidade, gênero, raça e classe, sendo então um processo (ANZALDÚA, 1991). Para Souza (2017, p 313), "o modelo aditivo de identidade não considera o caráter complexo, múltiplo e até mesmo contraditório das

subjetividades". Inclusive, Souza destaca através das ideias de Sullivan (2003) que esse modelo aditivo, por exemplo,

[...] não explica porque ser posicionado como homem negro homossexual é significativamente diferente de ser posicionado como homem negro heterossexual. Além disso, não se pode afirmar que o homem negro homossexual é duplamente oprimido por ser negro e homossexual, enquanto que o homem branco heterossexual seria apenas singularmente oprimido por ser negro. A experiência vivida pelos sujeitos são significativamente diferentes, pois raça e sexualidade, entre outros componentes, refletem e/ou fundem uma na outra de uma forma não determinística e imprevisível (SOUZA, 2017, pp 313)

Para Barnard (1999), as identidades sexuais e de raça são dois sistemas de compreensão e significado que trabalham juntos para definir e formar um ao outro. Com isso, Souza (2017) afirma a partir de Gamson (2003) que a teoria *queer* mina a noção de que o sujeito é autônomo e tem um eu coerente, assim como não acredita que o sujeito seja uma coleção de identidades distintas que existem e atuam em caixas isoladas e autônomas. Como explica Lippmann,

na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos. Na grande confusão florida e zunzunte do mundo exterior colhemos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura (LIPPMAN, 1976, p. 151).

Nesse sentido, não se pode afirmar que Butler repudia absolutamente as identidades, ela só não acredita que elas tenham características essencialistas. Inclusive, Butler (1993) destaca a necessidade de considerar outros marcadores de diferença social para que o potencial subversivo *queer* continue a funcionar. Para isso, na perspectiva da autora, é preciso desconstruir o próprio termo *queer*, que passaria a considerar as questões relacionadas à classe, raça e etnia, pois “se a política *queer* se posicionar independentemente dessas outras modalidades de poder, ela perderá sua força democratizante” (BUTLER, 1993, p 229. tradução de PAIVA, 2020).

### 3.3 Algumas performances construídas no Nordeste

A imagem que se perpetua na mente da população brasileira, em geral, quando se pensa em Nordeste, é a da região seca, saturada de sentidos negativos e repleta de estereótipos relacionados à vestimenta, comportamento e geografia da região. Neste sentido, a mídia

repete e consolida sentidos historicamente fabricados com pautas culturais construídas a partir de noções pré-concebidas.

Dessa forma, os produtos jornalísticos reforçam o imaginário de que os territórios que compõem a região Nordeste são inviáveis, sem potencialidades, castigados, onde a fome, a sede e a morte são predominantes. As reportagens produzidas localmente e exibidas em rede nacional também acabam por fortalecer as características de “território único”, pois não existe uma preocupação com o discurso que estão construindo e necessidade de desmistificar a problemática da seca, tampouco das identidades sexuais da região.

Nas diversas culturas existentes no mundo, os papéis atribuídos a homens e mulheres variam de acordo a sociedade, raça e escolaridade. A identidade de gênero é prioritariamente, desenvolvida pela repetição de atos performáticos, como explicados por Butler (2003). Conforme Sardenberg e Macedo (2011) são justamente essas diferenças entre os sexos que constroem e legitimam, historicamente, as relações desiguais, afetando principalmente as mulheres por conta da sua constituição biológica, ligada à possibilidade de gerar vidas e a amamentação.

Nas relações de poder, o “macho” sempre foi considerado o protagonista representado no patriarcado pela figura do pai, por meio do direito paterno e ampliado no capitalismo, para a figura masculina, onde se inclui a dominação do pai, dos irmãos, dos maridos, dos chefes e do Estado sempre representado pela virilidade masculina (PATEMAN, 1995). Assim, essas relações passam a ser vistas com certa naturalidade, já que o sistema continua atuando nas esferas sociais sob o prisma da violência simbólica e física, para dominar cada vez mais o ser e existir das consideradas minorias fora do padrão heteronormativo e patriarcal.

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as naturalizam, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que eles engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos. (BOURDIEU, 1998, p. 16).

No Nordeste, a cozinha costumava ser o espaço de protagonismo das mulheres. Elas eram usadas para preparar a comida e alimentar a família, como destaca Albuquerque Júnior (2009). Neste cenário, o autor afirma que o corpo feminino estava restrito ao trabalho laboral, ao sexo e à reprodução. Uma sociedade onde o silêncio era regra moral do ser mulher, as únicas permissões eram de ver, ouvir e calar. Na escala hierárquica, as mulheres se

encontravam no menor posto. Uma região que construiu o imaginário em “primeiro lugar e acima de tudo o homem, o fazendeiro, o político local ou provincial” (FALCI, 2007, p. 242).

Assim, o modelo de homem nordestino “cabra macho” se estabelece. Um sujeito que é chefe do lar, áspero, de poucas palavras e com uma constante e extensa sede de justiça, no qual tudo é resolvido na bala ou na ponta da peixeira. Os homens que apresentavam qualquer desvio dessa postura eram considerados “frescos”, ou mesmo a “vergonha da família”.

Diferente de outras regiões do país, as mulheres no Nordeste são construídas e representadas como “mulher macho”:

[...] Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor! Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com um universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.18)

Paiva (2010) cita Margarete Almeida Nepomuceno (2006) ao falar sobre a subalternidade da mulher ao homem nos discursos relacionados ao Nordeste. Na perspectiva das autoras, esses discursos evidenciam a existência de um homem e uma mulher que procuram a força do arquétipo masculino, mas também convida a ambiguidades e discursos transgressores, ainda que potencialmente, no qual masculino e feminino se cruzam, se recriam, se misturam, os seus limites geográficos se esbatem e criam novas aberturas para a compreensão de gênero, sexo e corpo. Uma mistura de discursos didáticos e conservadores tipicamente usados em referência às mulheres com discursos de dominação e exploração.

Como destaca Alcantara (2017), os estados da região Nordeste passaram por muitas lutas políticas e econômicas, devido aos longos períodos de seca, ao mesmo tempo em que outras regiões do país estavam em processo de modernização, como o Sudeste, especificamente, que recebeu imigrantes europeus e passaram a conviver com as novas influências culturais provocadas pela industrialização. Dessa forma, os movimentos regionalistas liderados por elites e intelectuais nordestinos defendiam a masculinidade como símbolo de virilidade, que supostamente estava sendo perdida nas outras regiões pela modernização e descaracterização da ruralidade marcada, principalmente, pelo patriarcado.

Se o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o senhor de engenho, o coronel pareciam ficar para trás, por serem incapazes de acompanhar as mudanças nos costumes do país, se estes se mostravam incapazes de recuperar o lugar que esta área já ocupada na economia e política nacional [...] O nordestino deveria atualizar as qualidades dessas 17 antigas figuras, entre elas a de ser

“macho”, forte, destemido, ativo, brigão, orgulhoso, capaz de defender seus interesses e de seu povo, dentro ou fora da região. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 227)

Com esse processo em curso, surge a República, que Albuquerque Júnior lembra que nasceu sob o comando militar, considerado símbolo da masculinidade e da macheza. E é justamente durante esse período que começaram a crescer os casos homoafetivos entre soldados do Exército e da Marinha. “O fato se verificou sobretudo na Marinha, dada a maior segregação em que os militares de mar viviam da sociedade civil: inclusive da parte feminina” (GILBERTO FREYRE, 1959, p. 126).

O processo de urbanização ainda trouxe para os costumes da época certa delicadeza, devido às exigências de “civilidade” na forma de se vestir e se apresentar, que eram conflitantes com a postura do homem nordestino. Essas mudanças, de acordo com Albuquerque Júnior (2013, p 77), “fizeram aparecer uma grande quantidade de meninos, filhos-de-papai, mimados que mais pareciam sinhazinhas do que sinhozinhos”. O autor cita ainda que essas alterações nos costumes são explicadas pela ausência masculina dentro de casa, devido às demandas da vida contemporânea, o que tornou as gerações de meninos menos másculos, pouco viris, deslocados das normas heteronormativas e, conseqüentemente, distantes das performances pré-definidas pelo sexo biológico.

Nesse cenário, a religião exerceu uma grande influência no desenvolvimento de meninos e meninas fora dos padrões esperados pela sociedade. Albuquerque Junior lembra que era dentro dos conventos, colégios e internatos religiosos, que práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo também eram consumidas, mas acabam sendo interrompidas, pelo menos aos olhos da igreja, ao seguirem como sacerdotes, padres, freiras e beatas. “Assim, tinha origem um forte conflito que os torturava, entre a sua vocação de religioso e o seu desejo faminto de aventuras impossíveis a um frade” (GILBERTO FREYRE, s/d, p. 23).

Nisso, a visibilidade, a partir de estereótipos estéticos e comportamentais de pessoas LGBTQIA+, aumenta durante as festas carnavalescas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Em uma sociedade pensada no masculino, o Carnaval tinha como grande atração o vestir, principalmente, de mulher. Era o “momento de feminização da sociedade, momento de luxo, fantasia, sedução, mascaramento. Momento de leveza, de delicadeza, de erotismo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.82).

Cousin (2013) aponta que para compreender a dinâmica de um lugar a qual pertence, o sujeito precisa conhecer a sua história, que costuma ser marcada por elementos antagônicos e conflitantes, e conseguir entender a complexidade das coisas que ali acontecem. Para ela,

nenhum lugar é neutro, é repleto de histórias e com pessoas de diferentes gerações, localizadas em um determinado tempo e espaço. Para Santos (1996), cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.

Não podemos desconsiderar que a construção das identidades LGBTQIA+ nordestinas são forjadas no sistema simbólico com as características da região, e não na realidade pressuposta. A subjetividade de cada região “é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (GUATTARI, ROLNIK, 2000, pp. 31-32). Nesse sentido se constituiu para o nordestino, principalmente LGBTQIA+, uma identidade, uma estereotipia, que ultrapassa a territorialidade.

Dentro dessa estereotipia há o que Foucault (2008) chama de poder disciplinar. Através desse conceito, Foucault busca destacar que o poder disciplinar está ligado a normas pré-estabelecidas pelas instituições disciplinares, como igreja, família, estado, que são compreendidas como regras essenciais para o “bom” comportamento, o que acaba produzindo, limitando e tornando o homem subordinado.

O psicanalista e professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/Brasil), Ricardo Salztrager, apresenta no artigo *O homossexual disciplinado e suas verdades*, uma análise de como a produção da homossexualidade foi construída através dos conceitos científicos no exercício disciplinar de Foucault. Além disso, ele apresenta o conceito de “homossexual disciplinado”, no qual aborda como a homossexualidade se tornou resposta para tudo que acontece na vida de uma pessoa LGBTQIA+:

pode ser caracterizado como o sujeito que considera que sua homossexualidade corresponde à sua verdade absoluta; que por ser essencialmente homossexual é exatamente idêntico aos seus; que possui a convicção de ser dotado de uma natureza anômala; que não cessa de se questionar sobre o que há de errado consigo ou sobre o que deve ter acontecido em sua infância para que se tornasse homossexual; que faz sua história inteira remeter a seu desejo, de modo a narrar seu passado, por exemplo, tendo sempre a homossexualidade como referencial; que acredita que as escolhas que efetuou na vida se fizeram em virtude de seu desejo pelos iguais; que julga seus mais variados gostos como consequências de seu desvio; que crê que sua opção profissional ou qualquer outra escolha sua se deu, justamente, por conta da homossexualidade; e que, finalmente, deseja ou já desejou deste mal se curar (SALZTRAGER, 2021, p. 3).

O conceito de homossexual disciplinado dialoga a análise que César (2016) fez a partir das ideias de Foucault sobre as dificuldades que os movimentos LGBTQIA+ têm no uso estratégico dessas identidades. Para César, o modo de sexualidade analisado por Foucault

(1988) prevalece nesse contexto como uma espécie de captura, no sentido de que as diferentes sexualidades acabam sendo recontextualizadas e substituídas, mas funcionando no que parece fora de norma, mas que também foi pré-estabelecido pelas instituições de poder para não ultrapassar os limites da normalidade.

Como argumenta Paiva (2020), esse tipo de arranjo de poder enfatiza a vigilância constante, que ao usufruir das estruturas institucionais, determina a aplicação de regras, que levam à criação de normas sociais e produção de subjetividades. O fundamento disciplinar é construído, principalmente, por regras sociais que, caso sejam descumpridas, são suscetíveis à punição (BRANCO, 2015). Nesse sentido, para Foucault (2008), uma disciplina seria uma forma de domesticar os sujeitos, de construir um único sistema de funcionamento social, que seja previsível e, conseqüentemente, mais facilmente de ser controlado.

O mecanismo disciplinar também codifica perpetuamente em permitido e proibido, ou melhor, em obrigatório e proibido, ou seja, o ponto sobre o qual um mecanismo disciplinar incide são menos as coisas a não fazer do que as coisas a fazer. Uma boa disciplina é o que lhes diz a cada instante o que vocês devem fazer (FOUCAULT, 2008, p. 60).

Butler (1999) reforça que é necessário que haja uma coalizão das minorias sexuais que ultrapassem as categorias simplistas de identidade, para que as violações desses corpos e as vivências implícitas, controladas pelas normas sociais possam ser revistas. Para ela, a sexualidade é um campo de complexidades, e nesse sentido, não deve ser reduzida a possibilidades limitadas.

#### 4. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa possui uma natureza essencialmente qualitativa. De acordo com Minayo (2002, pp.21-22), a pesquisa qualitativa, cuja origem se deu no âmbito das Ciências Sociais, trabalha com um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Esse tipo de abordagem focaliza as relações humanas e os significados das ações dos indivíduos mais do que em “dados matemáticos”, objetivos (MINAYO, 2002).

Nesse sentido, até chegar a escolha da temática para esta pesquisa, diversos questionamentos e acontecimentos surgiram no percurso para que pudesse entender meu propósito neste trabalho. Durante as aulas de Teoria e Métodos da Pesquisa, lecionadas pela professora Carla Paiva, ela sempre deixou claro que o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pode ser menos dificultoso quando estamos realmente envolvidos com o tema. Por admirar o trabalho da cantora estadunidense, Beyoncé, que costuma abordar e apresentar problemáticas relacionadas a gênero, sempre tive interesse pelo tema, mas nunca me aprofundi, de fato, para pesquisar e produzir algo relacionado a essa temática.

A princípio, havia escolhido fazer uma monografia com outro tema para o TCC relacionado a gênero, mas associado ao Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB). A ideia era que no final do curso pudesse experimentar um modelo de trabalho que ainda não tinha sido executado na universidade. Mas, como a escolha do tema foi feita antes da pandemia de Covid-19, que nos fez ficar isolados e distantes do convívio social, no momento de retorno às aulas para executar o projeto, não me senti mais motivado a seguir com o tema proposto. Sobretudo, depois de saber que a professora que seria minha orientadora, Carla Paiva, iria tirar licença, e, portanto, não poderia mais me auxiliar na pesquisa. Nesse sentido, optei por fazer o TCC no semestre seguinte. Os períodos em casa, dentre outras experiências, me fizeram olhar mais a fundo para minha sexualidade e questionamentos sobre a construção da minha identidade e as normas heteronormativas que me atravessam desde a infância.

Nesse sentido, o desejo de pesquisar sobre identidades LGBTQIA+, Nordeste e teoria *queer* foi impulsionado pelos discursos sociais relacionados à comunidade, com o pano de fundo dos estereótipos baseados costumes nordestinos que a minha própria família reproduz, entre outras pessoas que me cercam no cotidiano. Depois de ver a publicação do psicólogo

João Brod Jacobs no Instagram<sup>6</sup>, ao qual cito na introdução deste trabalho, que entendi o recorte temático que gostaria de pesquisar. E mesmo a teoria queer não sendo a linha de pesquisa dela, a professora Teresa Leonel se dispôs a me orientar.

Entretanto, em julho fui selecionado para fazer o Curso de Jornalismo de Saúde do Estadão. A princípio fiquei receoso em cursar o que estava proposto na formação, pois coincidia com o semestre letivo, que deveria estar fazendo este trabalho. Mas conversei com a minha orientadora, consultei alguns docentes, que fizeram parte da minha jornada acadêmica, e todos me aconselharam a ir viver essa experiência, desde que me compromettesse a fazer o TCC quando voltasse. E assim o fiz. Foram três meses imersos em princípios teóricos, práticos sobre a cobertura de saúde na perspectiva jornalística. Durante o mês de agosto as atividades foram realizadas de forma remota, e os dois últimos meses subsequentes, setembro e outubro, foram feitos na sede do jornal Estadão, em São Paulo, o que foi, sem dúvidas, uma das maiores experiências que vivi enquanto estudante de Jornalismo.

De volta a Petrolina, com a problemática bem definida e o curto espaço de tempo para desenvolver este trabalho e o produto que o acompanha, foi imprescindível fazer uma revisão bibliográfica. Segundo Gil (2007), a pesquisa bibliográfica consiste na análise de materiais já elaborados, comumente associados a bibliotecas (ou catálogos e indexadores online). As fontes bibliográficas são livros, sejam literários, de consulta (como dicionários e enciclopédias) ou de divulgação acadêmica, científica ou técnica; publicações periódicas, como jornais e revistas; e demais conteúdos impressos. A utilização dessa técnica é relevante quando se busca compreender fenômenos amplos ou processos históricos, situações em que a pesquisa direta pode ser incompleta ou impossível.

A partir disso, antes mesmo de realizar as entrevistas, fiz uma pré-seleção de músicas que pudessem ilustrar os episódios do podcast e, conseqüentemente, integrar a narrativa que estava sendo contada. Um dos critérios seguidos para essa seleção era de que as músicas, de certa forma, dialogassem com os desafios da comunidade LGBTQIA+. Em seguida, busquei pessoas LGTBQIA+ que pudessem relatar o processo de desenvolvimento delas enquanto integrantes da comunidade desde a infância até a fase adulta, pois era importante ter essa percepção mais ampla da construção dessas identidades e os desafios enfrentados enquanto integrantes de um grupo considerado minoria social. Não houve outro critério além da sexualidade para seleção dos envolvidos, apenas que de certa forma, contemplassem parte da sigla LGTBQIA+.

---

<sup>6</sup> Fonte: <[https://www.instagram.com/p/Ce1iREnLar6/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/Ce1iREnLar6/?utm_source=ig_web_copy_link)>

Foram escolhidos Pedro Lacerda, pessoa *queer*, de 30 anos, Messis Fernandes, mulher trans, de 23 anos, Michelli Vieira, mulher lésbica, 23 anos e Álvaro Ferreira, homem gay, 31 anos. A minha relação com Michelli e Álvaro é mais estreita, e por isso surgiram alguns questionamentos sobre a possibilidade de estar rompendo com as normas éticas científicas pela relação de sujeito e objeto. No entanto, assumi a postura de pesquisador e tentei, na medida do possível, ter um olhar crítico sobre o objeto de estudo. Essa etapa sempre foi uma cobrança constante da orientação de Teresa.

De acordo com Edgar Morin, a ciência é uma parceria entre o sujeito e o objeto. Ele acredita que essa relação de interdependência entre o sujeito e o objeto pode levar a algo maior do que normalmente se entende como objetividade científica.

[...] as teorias científicas não são o puro e simples reflexo das realidades objetivas, mas os coprodutos das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento. (MORIN, 2005, p. 137).

Para Lemos (2018) a pesquisa pode ser compreendida como uma construção conjunta, na qual os dois lados se ouvem, e por onde flui o processo de criação do conhecimento científico.

Para se alcançar observações objetivas há o imprescindível elemento da subjetividade presente que reconhece a capacidade de pensar do sujeito, de raciocinar e, por isso, interferir naquilo que observa, que estuda, que pesquisa e que isso efetivamente quebra os antigos paradigmas da exclusão da subjetividade. (LEMOS, 2018, p.21)

Messis foi integrada à pesquisa a partir da sugestão da professora Carla Paiva, já Pedro Lacerda, por conhecê-lo de outros espaços sociais, além da forma como ele performa na sociedade, que desafia os padrões de gênero da região, a participação dele ratificou os perfis que busquei para produção da pesquisa.

Entre os profissionais e especialistas consultados estão os psicólogos Jorge Silva e Débora Gramkow, Yuri Pina, além de ter utilizado trechos de vídeos da página profissional do psicólogo João Brod Jacobs. A princípio, João também seria entrevistado, mas por falta de tempo, não foi possível conversar com ele sobre as questões que envolvem o problema de pesquisa. Além de profissionais da área da saúde mental, também entrevistei a pesquisadora de gênero e sexualidade Carla Paiva. Todos tinham afinidade com a temática, seja enquanto LGBTQIA+ ou como estudiosos de gênero, sexualidade, Nordeste, entre outros assuntos relacionados.

Definido os perfis dos entrevistados, realizei as gravações de modo remoto pela plataforma de videochamada Zoom<sup>7</sup>, pois diante da alta de casos de Covid-19 na cidade, era mais seguro para todos os envolvidos.

Para fazer as entrevistas, optei pela técnica de perguntas não estruturadas, pois de acordo com Marconi e Lakatos (1999), elas proporcionam às pessoas entrevistadas a “liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. [...] Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal”. Para cumprir com o que propus nos objetivos descritos nesta pesquisa, também utilizei o método exploratório, que pretende provocar uma maior afinidade com o problema proposto (RODRIGUES, 2007) e “procura explorar tal situação com a intenção de prover critérios e compreensões” (VIEIRA, 2002, p. 65). Com exceção dos psicólogos e da pesquisadora de gênero, as entrevistas partiram da pergunta: *Como foi sua infância?* A partir daí, os entrevistados seguiram por diversos caminhos, mas como condutor, voltava ou me aprofundava em determinados assuntos, na medida em que se fazia necessário entender melhor a situação contada. Importante destacar que todos os participantes da produção assinaram o termo de autorização de uso de imagem, voz e som.

Com o material em mãos, fiz a decupagem das gravações e desenvolvimento dos roteiro do produto. Para fazer a decupagem das entrevistas utilizei o software *Transkriptor*, que faz as transcrições de forma mais eficiente, além de permitir determinadas funções após a transcrição concluída, como escolha de incluir o tempo, número de linhas por parágrafo, entre outras possibilidades. Foram 4,6 horas de gravação transcritas de sete entrevistas realizadas pelo Zoom. Optei por não utilizar a entrevista feita com o psicólogo Yuri Pina no produto final, pois a conversa não rendeu como imaginava. A abordagem terapêutica dele, *Análise de Comportamento*, de certo modo, não deu conta do que havia sido proposto, pois de acordo com o site [psicologo.com.br](http://psicologo.com.br)<sup>8</sup>:

A abordagem comportamental pressupõe que cada pessoa nasça uma tábula rasa, ou folha em branco. Em vez de serem influenciados por genes e processos biológicos, os behavioristas acreditam que nosso comportamento é determinado por nosso ambiente externo. [...] observam o comportamento que uma pessoa exhibe, em vez dos processos internos da mente.

---

<sup>7</sup> Fonte: <<https://zoom.us/>>

<sup>8</sup> Fonte: <<https://www.psicologo.com.br/blog/as-abordagens-da-psicologia-em-um-guia-completo/>> Acesso em 22, dez. 2022

Nesse sentido, as respostas do profissional não contemplavam as complexidades do ser e existir das pessoas envolvidas na pesquisa. Mesmo que Yuri tenha se esforçado para ser o mais didático possível, decidi não incluir a entrevista dele no produto final por entender que a abordagem dele enxerga o comportamento humano de forma bastante generalista, sem considerar as individualidades e diferenças específicas das pessoas.

O curto espaço de tempo até a entrega deste trabalho me deixou bastante ansioso e inseguro, por vezes, sentia vontade de desistir, mas Teresa me manteve motivado a continuar, sempre garantindo que tudo daria certo no final. Nas últimas semanas que antecederam a data de entrega deste trabalho, também busquei suporte acadêmico e emocional da professora Carla Paiva, pois a princípio ela seria minha orientadora, dada a afinidade que ela tem por ser pesquisadora de gênero e sexualidade. Com conselhos de ambas, iniciei o desenvolvimento do roteiro dos episódios, mas em vários momentos me peguei parado na frente do notebook, questionando se teria capacidade de escrever com responsabilidade, inovação e criatividade, as histórias que as pessoas envolvidas confiaram a mim e ao meu problema de pesquisa.

De toda forma, desde a decisão do que iria fazer no meu TCC, já havia definido o título do produto, assim como dos episódios que o integram. Dada a quantidade de pessoas e especialistas envolvidos na pesquisa, inicialmente, senti dificuldade de construir o fio condutor da história, mas a partir da escuta de outros produtos no mesmo formato, assim como de ideias e sugestões da minha orientadora, o desenvolvimento fluiu naturalmente. Nesse momento, pude mergulhar na história das pessoas que entrevistei e compreendê-las também a partir das minhas experiências, pois o meu objeto de pesquisa também me atravessa em vários sentidos. A cada linha escrita, era como se tivesse vendo um filme, conseguia imaginar as situações contadas e até sentir o que as pessoas relataram em diversos momentos.

A cada roteiro concluído, enviava para minha orientadora revisar e aguardava observações sobre possíveis equívocos cometidos na escrita da produção para corrigi-los. O último episódio, em especial, foi o mais desafiador, pois optei por incluir minha experiência de quando contei a minha mãe que era gay. Durante o momento que escrevia, não conseguia conter as lágrimas, era como se fazer este trabalho fosse, de certa forma, uma continuação daquele momento que vivi, a possibilidade de reafirmar a minha sexualidade e a partir da perspectiva acadêmica, me aceitar publicamente enquanto homossexual.

Para gravar os trechos narrados, foi utilizado um Iphone 11 e o aplicativo 'Gravador de Voz'. Fiz algumas alterações no app no formato de áudio para WAV, canal stereo e taxa de quadros para 48 kHz. Percebi que a acústica do quarto da minha mãe era melhor, e utilizei o espaço para gravar todos os episódios. A edição e mixagem do podcast foram feitas no

programa Adobe Audition, pois já tenho familiaridade com as funcionalidades, além de permitir uma série de possibilidades relativas à criatividade. A edição do primeiro episódio, com os ajustes, durou em média sete horas. Já o segundo, o mais longo e mais complexo, durou 9 horas de edição. E o terceiro episódio foram necessárias cinco horas. Parte das trilhas utilizadas no podcast foi retirada do banco de áudio do Youtube, assim como do Fifty Sounds que permite o uso de suas trilhas, desde que não seja para fins comerciais.

A identidade visual do podcast também foi feita por mim na ferramenta Canva, versão Premium. Havia pedido que uma amiga fizesse, mas no fim optei por desenvolver sozinho para que tivesse a concepção baseada no que estava sentindo e no propósito deste trabalho. Em todas as capas incluí um fundo que remete às cores do arco-íris. Para diferenciar cada uma delas, optei por desenhos de partes do corpo humano.

A identidade visual do primeiro episódio é representada pela mão, pois é uma das primeiras partes do corpo que “denuncia” o considerado desvio da heterossexualidade. Na capa do segundo episódio, optei pelo desenho de um corpo que aparenta não ser autêntico e que sugere um desconforto de estar na própria pele. Já o terceiro episódio, é o desenho de um rosto com a cabeça erguida porque na história, é no último produto que os envolvidos buscam o equilíbrio com que se tornaram e gostariam de ser. O desenho sugere o vislumbre de uma nova vida, com mais coragem, segurança e conforto de existir da forma que é.

Sobre a distribuição do material, optei por disponibilizar nas principais plataformas de áudio: Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts. O YouTube também foi considerado porque, em geral, pessoas mais velhas costumam utilizar a plataforma para ouvir músicas, reportagens, entre outros formatos em áudio. No entanto, o material só estará disponível nessas plataformas depois da apresentação do TCC e possíveis ajustes.

#### 4.1 Descrição do produto

O suporte escolhido para este trabalho foi o podcast, por conta da facilidade que arquivos do tipo podem ser acessados, dada as condições de vida cada vez mais intensas e possibilidades de consumo em diversos tipos de atividades. O formato surgiu em 2004, nos Estados Unidos e dois anos depois, foi criada a Associação Brasileira de Podcasters (abPOD). Naquela época o consumo era tímido, bem diferente do cenário atual.

De acordo com um estudo da Statista com Ibope e CupomValido.com.br<sup>9</sup>, o Brasil é o terceiro país que mais consome podcast do mundo, com mais de 30 milhões de ouvintes,

---

<sup>9</sup> <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>

posicionado logo atrás da Suécia e Irlanda. O levantamento também mostra que com relação ao formato de conteúdo, os brasileiros costumam preferir entrevistas com convidados, com 55% da preferência. Na segunda e terceira posição, aparecem as narrativas de histórias reais e os podcasts de mesa redonda.

Segundo Vanassi (2007), os sistemas de podcasting possuem certas características. Uma é a produção. Para criar um podcast, você não precisa de conhecimento técnico avançado nem de um investimento muito alto. Na teoria, só é necessário utilizar um gravador, computador e uma placa de áudio e vídeo com capacidade de gravação e edição.

Nesse sentido, optei por utilizar as técnicas do podcast narrativo para este trabalho, pois sinto que há uma certa ausência de profundidade e contextualização em relação às reportagens rádio jornalísticas. Segundo a plataforma Cochicho<sup>10</sup>, “o podcast narrativo é aquele que coloca a história no centro de tudo. E isso tem mais a ver com o formato e a técnica do que com o conteúdo”. Diferente dos formatos de podcast de mesa-redonda ou entrevista pingue-pongue, o podcast narrativo é completamente roteirizado.

Claro, os episódios incluem trechos de entrevistas e cenas captadas sem roteiro prévio, com falas e ações espontâneas, mas a forma como esses trechos são costurados na história (geralmente pela voz de um narrador) é estruturada e planejada (COCHICHO, 2020).

Como o tema escolhido envolve experiências em contextos sensíveis, entendi que uma rádio reportagem nos moldes que conhecemos, não daria conta de abordar a problemática proposta neste trabalho de forma contextualizada. Para Lindgren:

É um estilo eficaz, que visa tornar a ciência divertida. Entretanto, exige que os ouvintes confiem nos produtores como jornalistas que coletam, avaliam e compartilham informação. (2020, p. 123)

Diferente do conceito de reportagem de radiojornalismo, no podcast narrativo, de acordo com Kischinhevsky, “cai o nível de redundância característico do texto no radiojornalismo, em função da atenção à narrativa, e ganham espaço os ganchos, os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção seriada” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79).

Também na produção narrativa focada em podcast, Kischinhevsky (2018, p. 79) observa características específicas como investigações aprofundadas, apuração ampla de

---

<sup>10</sup> Fonte: <<https://cochicho.org/o-que-e-podcast-narrativo/>>

fontes e uso múltiplo de ilustrações para ilustrar esses personagens ao longo da produção; assim como a falta limite de tempo para as sonoras usadas, o que difere do radiojornalismo convencional. Além desses apontamentos, o autor também destaca as possibilidades que o podcast narrativo pode trazer:

uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição e ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79)

É pensando nessa perspectiva que surge o podcast narrativo *Identidade Forjada*<sup>11</sup>. Dividido em três episódios, a série em áudio aborda o processo construtivo de identidades de quatro pessoas LGBTQIA+ de Petrolina, que refletem os impactos sofridos pela heteronormatividade no desenvolvimento deles e na percepção que eles têm de si.

O primeiro episódio, *Performances recomendadas*, com duração de 16 minutos, aborda a expectativa da estrutura familiar sobre a identidade dos filhos, a partir da escolha do nome até o processo de socialização. O episódio também trata das piadas características da região, a pressão da religião, assim como o início do processo de culpa, ainda na infância, por ser simplesmente quem é. A produção inicia com sons de pessoas em um hospital, logo em seguida na sala de cirurgia para realizar uma cesárea. A escolha para começar o episódio dessa forma foi feita porque se entende que mesmo antes de nascer, as questões de gênero incidem no nosso desenvolvimento.

Em seguida, utilizei um trecho da entrevista da cantora Linn da Quebrada no programa Saia Justa, do canal GNT. Ela fala sobre imaginar vidas travestis impactadas diretamente sobre as normas sociais e os conceitos de gênero e sexualidade. A partir dali, escolhi incluir o áudio de Michelli falando sobre a infância dela, pois simbolicamente, o bebê que havia acabado de nascer nos primeiros minutos do episódio, estava grande, e poderia ser representado por qualquer uma das pessoas envolvidas na produção. E assim a narrativa é conduzida para que o ouvinte consiga compreender esses atravessamentos da heteronormatividade até a adolescência.

O segundo episódio, *Camadas de proteção*, com duração de 26 minutos, trata sobre a adolescência e o período de negação das identidades dos envolvidos. O conteúdo tem a ver com o comportamento, gestos, preferências e formas de se vestir, podados pelas normas

<sup>11</sup> Fonte: <[https://drive.google.com/drive/folders/1rCaPIP5gxpYZPqA\\_gqvcAkK95PpAa-w?usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1rCaPIP5gxpYZPqA_gqvcAkK95PpAa-w?usp=share_link)>

heteronormativas da região, o que provoca comportamentos distantes do que se é realmente para agradar o círculo social. Nesse episódio, trouxe a definição do que se entende por adolescência a partir das palavras do psicanalista Pedro Santi. Esse foi, sem dúvidas, um dos episódios mais difíceis de escrever e editar, pois foi justamente na adolescência que os entrevistados passaram por inúmeras violências.

Nesse momento da produção, entra MESSIS como uma nova integrante da história, que não tinha sido abordada no 1º episódio, pois a experiência dela na infância foi relativamente tranquila, o que poderia ser explicado no segundo episódio sobre a adolescência, quando enfrentou a maior parte dos desafios. A sonora “Anda como homem, menino”, foi interpretada pelo meu primo e incluída para ilustrar um dos estereótipos que nós gays ouvimos ao longo da infância e adolescência. Neste episódio, a carga emocional é maior, pois envolve violências em vários sentidos descritas pelos envolvidos. Não à toa é, inclusive, o maior dos episódios do podcast.

O terceiro e último episódio, *Resgate das identidades*, com 20 minutos de duração, traz algumas consequências da cultura heteronormativa. Até se darem conta de que estavam forjando suas próprias identidades, os envolvidos viveram em uma espécie inconformidade com o que são. Nesse cenário, a aceitação da sexualidade provoca o desejo de resgatar os fragmentos das identidades anteriores ao desenvolvimento dos mecanismos de proteção.

Esse é o episódio mais emotivo dos três. São reflexões a partir do que os envolvidos pensam sobre si e o que mudou desde o suporte com profissionais de saúde mental. Aqui a pesquisadora Carla aborda de forma mais prática a teoria *queer* e qual a proposição dela na sociedade, além de haver meu depoimento sobre o momento que decidi contar a minha mãe sobre a minha homossexualidade. Pode ser considerado, inclusive, um episódio celebrativo, porque as trilhas trazem esse sentimento de conforto.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses confirmadas por este trabalho apontam que a construção das identidades LGBTQIA+ de Petrolina, no Sertão de Pernambuco, são atravessadas por violências desde a infância. A comunidade enfrenta desafios de ordem emocional, psicológica e até mesmo física por não conseguirem se adequar às normas impostas pela heteronormatividade.

A partir das entrevistas, foi possível perceber que um dos primeiros impactos nessa construção das identidades é a timidez, o medo de ser quem são. Um comportamento que começa na infância e percorre todo desenvolvimento dessas pessoas. E por isso, acabam silenciando seus sentimentos, preferências, entre outras questões. Outra consequência é a baixa autoestima e o isolamento. Como não conseguem agradar nenhuma das instâncias sociais, os entrevistados acabaram por buscar saídas em atividades que pudessem ser validados ou que agradassem as pessoas que os cercam, como pais e professores.

Em situações mais graves, a depressão, transtornos alimentares, entre outras questões também podem ser consideradas nesse cenário. O processo de adoecimento mental dessas pessoas pode ser iniciado na infância e como são considerados a partir da sexualidade deles, em diversos tecidos sociais, o preconceito chega primeiro que o respeito.

Marcados pela sexualidade, a orientação sexual dessas pessoas também costuma justificar determinados comportamentos e formas de expressar, agir, se vestir e falar. Como o Nordeste ainda valoriza e estimula comportamentos machistas, misóginos e homofóbicos, a partir deste trabalho, à luz da teoria queer, é possível perceber a urgência de desconstruir as identidades sexuais e de gênero a partir do binarismo entre o ser homem e ser mulher.

Ademais, os estereótipos podem causar prejuízos imensuráveis ao desenvolvimento de pessoas LGTBQIA+, principalmente na adolescência, fase mais aguda de acontecimentos ruins relacionados a sexualidade e a hipervigilância das performances sociais.

Para questionar a heteronormatividade, o primeiro processo costuma ser criticar a forma como ela prejudica a vida das pessoas, principalmente os corpos mal vistos mencionados pela teoria *queer*. Entretanto, esses prejuízos não costumam ser falados, muito menos ouvidos. As questões que envolvem a comunidade LGBTQIA+ ainda são secundárias para os espaços sociais. Além disso, o trabalho também revela a necessidade da integração dos estudos de gêneros nos componentes curriculares das escolas de todo o país, mas principalmente, do Nordeste, pois só através da educação esses impactos podem ser minimizados para pessoas LGBTs, entre outras minorias sexuais e étnicas.

Além disso, o trabalho também alerta para a necessidade do campo jornalístico e comunicacional fazer produções contextualizadas e aprofundadas sobre as questões de gênero e identidade sexual. Como uma instituição que também usufrui de mecanismos de poder para pautar o que é discutido na sociedade, é de extrema importância que essa temática seja incluída nas rotinas produtivas, de forma que seja compreendida as violências que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta ao lidar com as normas impostas pela tradição e influência das normas heteronormativa das instituições de poder.

Algo que pode ser feito com o suporte teórico do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB), que foca na identidade do Semiárido pelo que essa região tem de construtivo para a sociedade e na proposta de convivência com o Semiárido. Um conceito que segundo Santos (2018), se caracteriza por investir nas diversas possibilidades de representações sobre esse território sem grandes distorções, com uma variada produção de sentidos, temáticas e abordagens, nas quais o enfoque jornalístico atua, equilibradamente, com a proposta educativa para aprofundar a discussão em torno do que envolve o Semiárido.

Uma proposta que pode ser ressignificada para contemplar, inclusive, as questões relacionadas às identidades sexuais, assim como ampliar e aprofundar as discussões de gênero nas práticas jornalísticas.

## 6. REFERÊNCIAS

Adams, K. F. (2012). **The discursive construction of professionalism: an episteme of the 21st century**. *Ephemera: Theory and Politics in Organization*, 12(3), 327-343.

Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do "falo" - uma história do gênero masculino (1920- A345 1940)**. / 2.ª Edição. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. - São Paulo: iba Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros)

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2009.

Anzaldúa, G. (1991). **To(o) queer the writer: loca, escrita y chicana**. In B. Warland (Ed.), *Versions: writing by dykes, queers and lesbians* (pp. 249-263). Vancouver: Press Gang.

Baines, D. (2010). **In a different way: social unionism in the nonprofit social services – An Australian/Canadian comparison**. *Labor Studies Journal*, 35(4), 480-502.  
<http://dx.doi.org/10.1177/0160449X10365543>

Barnard, I. (1999). **Queer race**. *Social Semiotics*, 9(2), 199-212.  
<http://dx.doi.org/10.1080/10350339909360432>

BRANCO, Guilherme Castelo. **Michel Foucault: filosofia e biopolítica**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

BRASIL. **Conselho Federal de Psicologia. Resolução nº 001**, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em:  
<[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)> Acesso em: 25 de nov. 2022.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of 'sex'**. Nova York/Londres: Routledge, 1993: pp.1-16. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva no livro *Corpo Educado de Louro*, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. 2ª ed. New York, London: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of Sex**. New York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Undoing Gender**. New York: Routledge. DOI : 10.4324/9780203499627, 2004.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A crítica da noção de identidade e atualizações contemporâneas da estética da existência: feminismo(os), movimentos LGBT e política queer**. In: RESENDE, Haroldo de (org.). *Michel Foucault: política: pensamento e ação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.137-146.

COCHICHO. 2020. **O que é um podcast narrativo?** Disponível em: <<https://cochicho.org/o-que-e-podcast-narrativo/>>. Acesso em: 22, dez. 2022.

COHEN, C. J. (1997). **Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics?** GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies, 3(4), 437-465. <http://dx.doi.org/10.1215/10642684-3-4-437> » <http://dx.doi.org/10.1215/10642684-3-4-437>

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Brandini.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 200

COSTA, A. B. **Preconceito contra orientações não-heterossexuais no Brasil: critérios para avaliação.** Porto Alegre, 2012.

DORNELLES, P. G. A **(hetero)normalização dos corpos e práticas pedagógicas da Educação Física escolar.** In. Porto Alegre,2013.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978).** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas.** 4.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Tradução por Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1997. Trabalho original: 1975.

\_\_\_\_\_. (1976/1984). **História da sexualidade, v. I - a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREYRE, GILBERTO. **Dona Sinhá e o filho padre.** Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s/d.

GIORGIS, J. C. T. (2011). **O casamento igualitário e o direito comparado.** In M. B. Dias (Coord.), *Diversidade sexual e direito homoafetivo.* São Paulo, Revista dos Tribunais.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Atlas: São Paulo, 2007

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. (2000). **Micropolítica: Cartografias do desejo.** 6. ed. Petrópolis: Vozes.

GATES, T. G. (2012). **Why employment discrimination matters: well-being and the queer employee.** *Journal Workplace Rights*, 16(1), 107-128. <http://dx.doi.org/10.2190/WR.16.1.g>

HADDAD, Maria Irene Delbone et al.. **Judith butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista..** Anais V ENLAÇANDO... Campina Grande: Realize Editora,

2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30620>>. Acesso em: 28, out. 2022.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALPERIN, D. M. (2003). **The normalization of queer theory**. *Journal of Homosexuality*, 45(24), 339-343. [http://dx.doi.org/10.1300/J082v45n02\\_17](http://dx.doi.org/10.1300/J082v45n02_17)

HALPERIN, D. M. (1995). **Saint Foucault: towards a gay hagiography**. Oxford: Oxford University Press.

HILL, R. J. (2009). **Incorporating queers: blowback, backlash, and other forms of resistance to workplace diversity initiatives that support sexual minorities**. *Advances in Developing Human Resources*, 11(1), 37-53. <http://dx.doi.org/10.1177/1523422308328128>

JESUS, Jaqueline Gomes. **Trans-formações: poder e gênero nos novos tempos**. Anais do 18º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Brasília: Federação Brasileira de Psicodrama, 2012.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KESETOVIC, Z. (2009). **Understanding diversity in policing: Serbian perspectives**. *Policing: An International Journal of Police Strategies & Management*, 32(3), 431-445. <http://dx.doi.org/10.1108/13639510910981590>

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia sexualis: as histórias de caso**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001

KYMLICKA, Will. **Filosofia política contemporânea: uma introdução**. Trad. Luís Carlos Borges e Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LEMOS, F. D. (2018). **A Questão Epistemológica do Pesquisador que Pesquisa Dentro da sua Organização**. *Anais Do Interprogramas Secomunica*, 2. Disponível em< <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/view/9179>>. Acesso em 29 de nov. 2022.

LINDGREN, Mia. **Jornalismo narrativo pessoal e podcasting**. Tradução: Gustavo Ferreira. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4325/3400>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

LITVIN, S. W. (2008). **Sensation seeking and its measurement for tourism research**. *Journal of Travel Research*, 46(4), 440-445. <http://dx.doi.org/10.1177/0047287507308326>

LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade.** IN: WEEKS, J; BRITZMAN, D;HOOKS, B; PARKER, R; BUTLER, J. (orgs.). **O corpo educado.** Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 176p.2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa - planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias, Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n. 21, p. 150-182, 2009

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

NEPOMUCENO, Margarete A. **O Casamento d’uma moça macho-fêmea com um rapaz fêmea-macho”: o hibridismo das identidades de gênero da literatura de cordel.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 Florianópolis – SC: Universidade Federal de Santa Catharina. 28 a 30 de agosto de 2006

PAIVA, André Luiz dos Santos. **Genealogia e teoria de gênero em Judith Butler: subversões teórico-políticas.** 2020. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30418>> Acesso em: 7, nov. 2022

PAIVA, Carla. C. S.. **O queer vai ao cinema brasileiro: análise da construção da mulher-macho nordestina no filme.** In: Paulo César Souza Garcia. (Org.). Interfaces: cultura, contemporaneidade e subjetividades. 1ed.Salvador: Eduneb, 2010, v. único, p. 11-362.

REIS, Cristina Roberta da Silva, TEIXEIRA, Sara Angélica & MENDES, Bárbara Gonçalves. **Heteronormatividade: Implicações Psicossociais Para Sujeitos Não-Heteronormativos.** 2017. Disponível em:  
<<http://jornalold.faculadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/292/151>>. Acesso em: 2, nov. 2022.

RICHARDSON, B. K., & MCGLYNN, J. (2011). **Rabid fans, death threats, and dysfunctional stakeholders: the influence of organizational and industry contexts on whistle-blowing cases.** Management Communication Quarterly, 25(1), 121-150.  
<http://dx.doi.org/10.1177/0893318910380344>

RODRIGUES, Carla. **Performance, gênero, linguagem e alteridade:** J. Butler, leitora de J. Derrida. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, N.10, p.140-164, 2012.

RODRIGUES, William Costa et al. **Metodologia científica.** Faetec/IST. Paracambi, p. 2-20, 2007.

ROSENBAUM, M., Walsh, G., & Wozniak, R. (2012). **Family allowances as reverse retail discrimination.** International Journal of Retail & Distribution Management, 40(5), 342-359.  
<http://dx.doi.org/10.1108/09590551211222321>

SAID, E. (1984a), **Michel Foucault, 1927–1984.**“ Raritan, 4(2), 1– 11.

- SALZTRAGER, R. **O homossexual disciplinado e suas verdades (The disciplined homosexual and his truths)**. Estudos da Língua(gem), [S. l.], v. 19, n. 1, p. 79-94, 2021. DOI: 10.22481/el.v19i1.9152. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/9152>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O sertão que a TV não vê: o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro**. Teresina: EDUFPI, 2018.
- SEIDMAN, S. (1996). **Queer theory/sociology**. Cambridge/Oxford: Blackwell Publishers
- SILVA, Priscila. M. S & PAIVA, Carla. C. S.. **A Representação dos Vaqueiros nas Imagens Produzidas pelo Grupo Jornadas Fotográficas do Vale Do São Francisco**. 2019. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/5898>> Acesso em: 22 de dez. 2022.
- SCHMIDT, S. W., GITHENS, R. P., Rocco, T. S., & KORMANIK, B. M. (2012). **Lesbians, gays, bisexuals, and transgendered people and human resource development: an examination of the literature in adult education and human resource development**. Human Resource Development Review, 11(3), 326- 348. <http://dx.doi.org/10.1177/1534484312447193>
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica (1995)**. Texto original: Joan Scott –Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.
- SOUZA, Eloisio M. **A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade**. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/NprSqjnqyb7F9WCtzYg9yMn/?lang=pt>> Acesso em: 7, nov. 2022
- SULLIVAN, N. (2003). **A critical introduction to queer theory**. New York: New York University Press.
- TAYLOR, T., MALLINSON, C., & BLOCH, K. (2008). **“Looking for a few good women”:** **volunteerism as an interaction in two organizations**. Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly, 37(3), 389-410. <http://dx.doi.org/10.1177/0899764007310420>
- VANASSI, G.C. **Podcasting como processo midiático interativo**. Monografia. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.
- VIEIRA, Valter Afonso. **As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing**. Rev. FAE, Curitiba, v.5, n.1, p. 61-70. 2002. Disponível em: &lt;<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/449/344>&gt;. Acesso em 10. Maio. 2017.
- VIANA, L. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting**. RuMoRes, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.167321. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 5 dez. 2022.
- WATSON, K. (2005). **Queer theory. Group Analysis**, 38(1), 67-81.

<http://dx.doi.org/10.1177/0533316405049369>

Warner, M. (1993). **Introduction.** In M. Warner (Ed.), **Fear of a queer planet: queer politics and social theory (pp. vii-xxxi)**. Minneapolis: University of Minnesota Press.

WILLIS, P. (2012). **Witnesses on the periphery: young lesbian, gay, bisexual and queer employees witnessing homophobic exchanges in Australian workplaces.** *Human Relations*, 65(12), 1589- 1610. <http://dx.doi.org/10.1177/0018726712457795>

## **APÊNDICE 1 – Ficha técnica**

Universidade do Estado da Bahia  
 Departamento de Ciências Humanas, Campus III  
 Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios  
 Trabalho de Conclusão de Curso

Roteiro: Pedro Miranda

Edição de áudio: Pedro Miranda

Identidade Visual: Pedro Miranda

Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Teresa Leonel Costa

### **Músicas:**

#### Episódio 1

Sálvame - Rebelde (2004) - Composição: DJ Kafka, Max di Carlo e Pedro Damián

Ciranda no Pagode - Mulekada (2000) - Composição: Ademir Fogaça,

Paraíba - Luiz Gonzaga (1950) - Composição: Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga

Homem de Aço - Falamansa (2004) Composição: Ricardo Ramos Da Cruz

Fala - Secos e Molhados (1973) Composição: João Ricardo e Luhli

#### Episódio 2

Não Recomendado - Caio Prado (2014) - Composição e interpretação: Caio Prado;

Um Amor Puro - Djavan (1999) - Composição e interpretação: Djavan;

Pérola Negra - Gal Costa (1993) - Composição: Luis Melodia;

Medrosa - Linna da Quebrada (2021) - Escrita por Stella do Patrocínio;

Free - Florence The Machine (2022) - Jack Antonoff e Florence Welch.

#### Episódio 3

Born This Way - Lady Gaga (2011) - Composição: Stefani Germanotta, Paul Edward Blair, Fernando Garibay e Jeppe Breum Laursen;

Como 2 e 2 - Ney Matogrosso (1996) - Composição: Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso;

Façamos (Vamos Amar) - Elza Soares e Chico Buarque (1999) - Composição: Cole Porter;

De Onde Vem a Calma - Los Hermanos (2003) Composição de Marcelo Camelo.

## APÊNDICE 2 - Teaser Identidade Forjada

Desde criança eu sempre gostei de enxergar as coisas de forma linear, com início, meio e fim. Talvez esse seja o motivo da minha dificuldade nas aulas de História.

Quando idealizei o podcast, **Identidade Forjada** pensei que poderia explicar de forma mais prática e didática como essas normas sociais que tentam padronizar nosso comportamento, jeito de se vestir, falar e agir impactam a minha vida e de todos que também fazem parte da comunidade LGBTQIA+.

Mas antes, é importante entender cada letrinha dessa sigla. O podcast ‘Tá de Clinicagem’ convidou Caio Portela para fazer essa explicação.

**03:03 - 03:31** “A sigla LGBTQIA+ ~~ela~~ reúne vivências tanto em gênero, quanto em sexualidade. Então, a gente tem o L de lésbicas, o G de gays, o B de bissexuais, e aí a gente faz um adendo com panssexuais também, o T que é pra transsexuais e travestis, o Q de *queergender*, I de interssexual, o A de assexual e o + que vai englobar todas as outras vivências que não estejam incluídas aí na sigla”.

Fico incomodado com a perspectiva que as pessoas têm de colocar as identidades da sigla LGTBQIA+ na mesma caixinha, como se tudo que somos fosse justificado a partir da nossa sexualidade.

**32:31 - 32:49 Michelli 1:** “*Eu cheguei na vida adulta e agora eu tenho que tratar uma vida inteira pra trás pra eu poder ter a minha vida adulta de verdade*”.

Como esse é o meu Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo pela Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro, me permiti produzir algo com início e meio, porque ainda que esse podcast tenha fim... as histórias contadas aqui não acabam no último episódio.

### APÊNDICE 3 - Roteiro EP 1 ‘Performances recomendadas’

Suponha que os pais e principalmente a mãe escolha não saber o sexo do bebê que ela está gestando.

*\*Som de hospital, maca sendo empurrada, som da cirurgia*

Parece algo inimaginável nos dias atuais, né? Mas, imagine! Chega o dia do parto e há toda aquela preparação médica para entrar na sala de cirurgia. O parto vai ser cesárea.

*\*Som de bebê chorando ao nascer*

Por esse choro que você ouviu e provavelmente que a mãe dessa criança também ouviu não dá pra saber qual o sexo dela.

Depois que confirmarem aos pais daquele bebê que eles deram a luz a uma menina...

*\*Sonora médico dizendo que o bebê é “a cara do pai”*

... aquele corpinho tão pequeno deixa de pertencer, metaforicamente, a ele mesmo. Agora ele passa a ser propriedade dos pais, da igreja, da família, da escola, do Estado, até de você que está ouvindo.

*07:32 - 7:45 \*Sonora Linn da quebrada “ai, já pensou se fosse uma travesti, que coisa linda”...*

A gente sabe que não funciona como a Linn da Quebrada imaginou. Quando a gente nasce, só há, em tese, duas opções, ser menino ou menina e heterossexual, claro. O resto... é doença, falta de Deus ou uma fase, que vai passar...

*\*Sobe som... música Sálvame de RBD...*

**3:31 a 4:00 - Áudio Michelli 1:** *“Eu era aquela criancinha de sentar no parquinho de areia, botar areia na cabeça, de cantar RBD. Eu era aquela criança que ia bater nos meninos. Que juntava um grupo de meninas pra bater nos menino pra arrumar confusão”.*

Essa voz que você ouviu é de Michelli Vieira. Ela é formada em Direito, professora de balé clássico e quando estava na alfabetização, se dizia apaixonada pela professora dela, acredita? Sim, ela é uma mulher lésbica e hoje tem 25 anos.

**33:14 - 33:32 Michelli 1:** *“Eu sempre fui uma pessoa assim bem espalhafatosa, bem aberta, sabe? De chegar e conversar... eu lembro que eu reuni a minha ~~minha~~ família... eu gostava muito de fazer apresentações de dança, sempre dancei muito...”.*

**\*Sobe som - Música Ciranda no Pagode - Mulekada**

**33:32 - 33:46 Michelli 1:** “...chamava todo mundo e vinha pra casa da minha vó pra sala, pra eu ficar sambando. E todo mundo se acabava de rir porque eu era muito 'magricelinha' assim...parecia que eu ia me quebrar todinha sambando e eles adoravam, riam...”

Quando a gente é criança fazemos coisas tão espontâneas, né? Quem nunca ficou sabendo que fazia perguntas inapropriadas, constrangedoras ou agia de forma completamente fora do esperado na frente das pessoas... Faz parte dessa fase da vida. A gente ainda não entende o mundo direito.

Inclusive, também faz parte da infância o momento que percebemos que somos diferentes, que começamos a entender nossa sexualidade, não apenas como atração e desejo sexual, mas como a gente se comporta e age na vida. Foi assim com Michelli e também com Pedro Lacerda...

**5:32 - 5:49 Pedro 1:** “Naquela época a gente assistia muito TV, tinha muitas ~~coisas via na TV~~ ~~tinha muito~~ ~~esses personagens que eram afeminados, que eram veados, só que tinha isso~~ inclusive personagens com esse ~~esse~~ teor mais...”

**5:49 Pedro 1:** “...de chacota, de brincadeira, ~~de~~ de ser aquela personagem ~~que era era era~~ que era como se fosse um bobo da corte mesmo. ~~Finha muito isso na na nas produções televisivas do dos anos dois mil, dois mil e dez”~~”.

**6:04 - 6:17 - Pedro 1:** “~~Então eu percebia como era as falas das pessoas em relação aquele personagem.~~ Eu lembro que quando eu vi aquilo na TV, eu já ficava assim... se estão falando isso com ele, vão falar isso comigo também”.

Essa época que Pedro está se referindo ele tinha por volta de sete anos de idade. Já entendia o desejo afetivo por meninos, mas sentia que era algo errado. Atualmente, ele tem 30 anos, é artista visual, bailarino e performer.

Na família de Pedro tem outra pessoa homossexual, mas naquela época os familiares não costumavam tocar no assunto. Na casa de muitas pessoas LGBTQIA+ funciona da mesma forma. Não é algo simples de ser conversado.

**07:03 - 07:16 Pedro 1:** “E era uma coisa que eu fui perguntar, gente, ninguém ~~está~~ ~~está~~ vendo que fulano é gay, não? **É só eu?**”

**\*Colocar efeito de eco nesse trecho**

Todo mundo via o que Pedro estava vendo. As pessoas veem o que as pessoas LGBTQIA+ fazem o tempo todo. Há uma espécie de hipervigilância. Álvaro Ferreira, por exemplo, foi

alertado pelo pai sobre assistir aos desenhos ‘As Três Espiãs Demais’ e ‘Sailor Moon’, pois era um desenho feminino demais para um menino assistir.

**\*Sobe o som do toque do celular das três espiãs**

**19:20 - 19:33 Alvaro 2:** “*Sempre tem esses desenhos porque tinha um protagonismo feminino, né?*”.

**19:33 - 19:48 Álvaro 2:** “*...Que a protagonista era uma mulher, uma menina. Então as pessoas sempre assemelhavam aquilo a um desenho feminino. É um desenho para meninas*”.

Hoje, Álvaro tem 31 anos, mas, quando criança, não viu sentido na reclamação. Sabia que aquela atitude sinalizava algo, e desde então ficou com receio de se expressar perto do pai dele para não ser mais alertado de estar fazendo alguma coisa supostamente errada.

**08:17 - 08:32 Alvaro 1:** “*Uma vez eu estava brincando com minha irmã, e a gente estava dançando mas era música infantil, né? Uma música de criança mesmo, uma coisa bem infantil. E aí eu acho que eu lembro que ele[o pai] falou que ~~a que~~ isso não era legal porque aquilo era coisa mais pra menina, sabe?*”

O psicólogo clínico, João Brod, fez uma postagem na página profissional dele no Instagram explicando as consequências desse tipo de repressão em crianças LGBTs. Ouve só o que ele diz.

**01:21 - 01:43 Psicólogo João:** “*A criança LGBT não entende o motivo pelo qual tanta discriminação acontece. Ela vê os amiguinhos da escola, por exemplo, sendo validados por quem eles são, e isso não acontece com ela. Na verdade, ela é discriminada, ela recebe críticas, ela é excluída... e ela começa a internalizar que existe algo errado com ela, e com isso ela começa a se sentir envergonhada e culpada por quem ela é*”.

Por que isso acontece? Já parou pra pensar? Para a filósofa estadunidense, Judith Butler, essas normas de como devemos nos vestir, andar, falar e basicamente existir são performances construídas no lugar que a gente vive e exigidas pelos nossos pais, pela escola, pela igreja, entre várias instituições da sociedade que exercem poder sobre nós.

Antes de você se entender por gente, já estava pré-estabelecido que a partir do seu sexo biológico você deveria performar como uma mulher se tivesse uma vagina, e como um homem, se tivesse um pênis. O psicólogo Jorge Silva, que trabalha com a abordagem da psicologia corporal explica como isso funciona.

**06:02 - 06:18 Psicólogo Jorge 1:** “*O nosso nome é pensado, quem a gente vai ser é idealizado antes, né? ...*”

**06:18 - 06:31 Psicólogo Jorge 1:** “*E aí quando chega uma identidade LGBT isso causa um uma quebra de expectativa...*”

**07:17 - 07:31 Jorge 1:** “*...porque existem padrões de gênero heteronormativos que são construídos sobre aquela pessoa antes mesmo dessa pessoa, desse bebê...*”

**07:31 - 7:48 Jorge 1:** “*...sair da barriga, né? Os próprios chás de revelações e por aí vai. E aí o impacto ~~acho que~~ começa quando a identidade LGBTQIA+ percebe que não corresponde a essas expectativas*”.

De acordo com a teoria *queer*, um movimento político que estuda as identidades sexuais, defendida pela filósofa Butler, você é identificado a partir do que você performa na sociedade. São ações repetidas historicamente e adaptadas pelas culturas no decorrer do tempo.

### **Entra música Luiz Gonzaga - Paraíba**

E aqui no Nordeste isso é ainda mais forte. O estereótipo do ca bra macho, forte, viril e sem frescura ainda é tido como um modelo a ser seguido, mesmo que tenha sofrido algumas adaptações. A professora, escritora e pesquisadora de gênero e sexualidade, Carla Paiva, traz uma perspectiva para essas situações.

**12:18 - 13:03 Carla Paiva:** ~~Então~~ *O que a gente percebe é que a cultura ela ainda, de certa forma, ~~ela~~ se retroalimenta desses discursos da década de vinte, da década de trinta, da década de quarenta. ~~Ainda é~~ E ela acaba de certa forma, ainda, pautando um Nordeste muito dividido entre a identidade masculina e a identidade feminina, só que ainda tendo uma supremacia da identidade masculina.*

*“Então os homens de certa forma ainda são majorias como protagonistas nos filmes que se passam no Nordeste. E quando tem uma mulher ela quase sempre está numa situação de submissão”.*

Carla aponta outra questão importante que está no campo educacional. O processo de educação escolar ainda não acompanhou as discussões dos movimentos sociais. Houve uma evolução sobre esse reconhecimento envolvendo identidade de gênero, orientação sexual, entre outras temáticas, mas aqui no Nordeste, essas discussões ainda estão atrasadas.

**15:45 - 16:34 Carla Paiva:** “*Se a gente não tem educação, se a gente não tem uma escola que discute questões de gênero, que apresenta para a para os jovens, né? Pras crianças e pros jovens.*”

*De uma maneira geral, as diversas possibilidades sociais de ser e de existir. E se não pregar para elas esse respeito, esses jovens e essas crianças vão continuar aprendendo em outros espaços. E nos espaços sociais o que é cultivado aqui no Nordeste ainda é uma cultura muito machista.*

*Então, vai se perpetuando essa valorização do homem em relação às mulheres e outras formas de ser e existir em relação a gênero e sexualidade aqui no Nordeste”.*

Você já deve ter escutado a expressão:

**Sonora: “Anda como homem, menino!”**

Pedro viveu isso na prática quando ainda era adolescente. O jeito que ele andava incomodava as pessoas, inclusive era motivo de piada o tempo inteiro. Para se proteger dos apontamentos de que era gay, ele criou uma estratégia...

**11:47 - 12:01 Pedro 1:** *“~~Aí eu~~ comecei a fazer uma contração anal, porque eu senti que aquilo fazia com que eu andasse ~~no meu caminhar~~ mais retinho, mais durinho”.*

É estranho ouvir isso, né? Nós não escolhemos a forma que andamos, é um movimento inconsciente, simplesmente andamos...

**12:46 - 13:03 Pedro 1:** *“~~nessa aí voltando pra essa pesquisa do que a gente fez com a companhia nesse momento de escrita quando eu parei pra pensar aquilo, quando eu passei parei pra escrever aí eu fui quando fui tomando consciência de o quanto aquilo foi de alguma forma violento pra mim, violento pro meu corpo...~~”*

**13:03 - 13:19 Pedro 1:** *“... de eu precisar fazer de ~~fazer~~ uma transformação no meu corpo ali pra ele se encaixar dentro de um padrão de caminhar dentro de uma forma pra não ser apontado, pra não ser visto, ~~pra não ser ah o pra não receber aquela pergunta novamente posso fazer uma pergunta pra vocês~~”.*

**00:00 - 00:47 Música Falamansa - Homem de Aço:** *“Todo herói tem um medo, na hora do medo ranger os dentes, estalar o dedo e revelar para o mundo um pequeno descuido de meio segundo, um estranho segredo que não pode te contar... a verdade é que o herói, tem medo, de amar, tem medo, a verdade é que o herói tem medo...”*

Essas piadas, esses apontamentos, todo esse contexto de orientação para nos adequarmos ao que se entende por ser homem e por ser mulher acaba nos impactando de várias formas. Deixamos de fazer coisas genuínas, autênticas para atender uma demanda social. É isso que se espera da gente. As consequências percorrem todo o nosso desenvolvimento, até a fase adulta...

Lembra que Michelli disse que quando criança gostava de reunir a família na casa da avó para sambar na frente deles? Hoje, ela não tem mais esse vínculo tão forte com eles. Desde a descoberta da homossexualidade dela as relações mudaram, muita coisa aconteceu...

**31:48 - 32:00 Michelli 1:** *“Muitas vezes assim eu sinto um cansaço existencial que não é pra eu estar sentindo nos meus 25 anos de idade sabe? Eu estou assim exausta...”*

**32:31 - 32:49 Michelli 1:** *“Eu cheguei na vida adulta e agora eu tenho que tratar uma vida inteira pra trás pra eu poder ter a minha vida adulta de verdade”.*

Cansa não conseguir corresponder ao que nossos pais, avós, tios, professores e ao que a sociedade espera da gente. É um sentimento de inadequação muito forte que provoca alguns problemas. Isso porque o fato de sermos gays, lésbicas, trans não explica tudo que somos. Mas sempre somos tratados a partir dessa perspectiva.

A psicóloga Débora Gramkow faz uma reflexão sobre esse sentimento.

**08:15 - 09:02 Psicóloga Debora 1:** *“A gente se constrói a partir das pessoas e a partir desses papéis que a gente exerce, que a gente aprende e se adapta... a lidar com as situações de pessoas. Que isso quer dizer? Que nós podemos ser vários em vários momentos e isso não nos define de forma alguma. Então, se nós podemos ser vários, em vários momentos, como é que uma sexualidade, que é uma coisa importante, que é uma coisa constante, no sentido de ela existir, né, vai nos definir de uma forma ~~tão~~ ~~em~~ tão intensa a ponto de não sermos nada além disso?”*

**Trecho música Fala - Secos e Molhados:** *“Eu não sei dizer nada por dizer, então eu escuto, se você disser tudo o que quiser, então eu escuto, fala... (...) Se eu não entender, não vou responder, então eu escuto, eu só vou falar na hora de falar, então eu escuto... fala”*

### **Baixar volume da trilha...**

Culpa. Talvez seja o primeiro sentimento que a gente começa a sentir quando somos crianças LGBTs. João Brod explica as consequências desse sentimento nas nossas vidas.

**02:36 Psicólogo João:** *“A criança LGBT, ela vai deixar de ser quem ela é. Ela acaba se reprimindo e tentando se encaixar como pode nesse padrão heteronormativo. (03:16) ~~E vale lembrar, gente, que isso acontece muito cedo na vida, com cinco a sete anos de idade, a gente está falando dessas crianças sendo expostas a um preconceito gigante”.~~*

Bom, então foi isso que Pedro fez. Buscou novas estratégias para não ser percebido ao longo da adolescência, tornou-se, aparentemente, mais forte. Criou novas ‘Camadas de Proteção’... (um silêncio). E esse é o tema do segundo episódio do podcast ‘Identidade Forjada’.

### **Sobre volume da trilha**

Essa produção é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Eu sou Pedro Miranda. Faço a produção, roteiro, edição e mixagem deste trabalho com orientação da professora Teresa Leonel.

**Técnica Episódio 1****Roteiro:** Pedro Miranda**Edição de áudio:** Pedro Miranda**Identidade Visual:** Pedro Miranda**Orientação:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Teresa Leonel Costa**Músicas:**

- Sálvame - Rebelde (2004) - Composição: DJ Kafka, Max di Carlo e Pedro Damián
- Ciranda no Pagode - Mulekada (2000) - Composição: Ademir Fogaça,
- Paraíba - Luiz Gonzaga (1950) - Composição: Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga
- Homem de Aço - Falamansa (2004) Composição: Ricardo Ramos Da Cruz
- Fala - Secos e Molhados (1973) Composição: João Ricardo e Luhli

## APÊNDICE 4 - Roteiro EP 2 ‘Camadas de Proteção’

**Teaser:** Você está ouvindo o podcast ‘Identidade Forjada’. E esse é o segundo episódio ‘Camadas de Proteção’. Caso não tenha ouvido o primeiro episódio, te sugiro voltar lá para que possa compreender a proposta do produto na íntegra.

**00:58 - 1:21 - Puberdade e Adolescência Casa do Saber:** *“Adolescência é o fenômeno de um mundo no qual as organizações sociais, a coesão social foi se dispersando de tal maneira, que cada um vai fazendo foi fazendo a sua passagem da adolescência para a vida adulta em seus caminhos de ritual. A adolescência, portanto, acaba sendo na cultura da gente uma espécie de lugar nenhum. Você já não é criança, você ainda não é adulto é um espaço intermediário que é uma negatividade”.*

Essa definição que você ouviu do que seria a adolescência é do psicanalista Pedro Santi para o canal Casa do Saber no Youtube. E seguindo a linha de pensamento dele, a adolescência talvez seja o período mais complexo das nossas vidas. Como pode a gente sentir tudo de forma tão intensa? Já não bastam os obstáculos que precisamos lidar em diversos contextos emocionais, ainda tem os famosos hormônios para inflamar cada sentimento.

**17:02 - Álvaro 1:** ~~“Na adolescência eu tinha eh era muita pressão. Tipo ah Eu saía com meus primos, né? Tipo amigos eu tinha que ir lá muita pressão de Ah você vai ter que ficar com tal menina. Você tem que ficar com tal menino. Sabe? Toda vez que saía daquela pressão. (17:33) Eu ficava bem incomodado, né? Porque eu achava, não, tipo, eu não quero, mas ao mesmo tempo eu quero. Só que se eu estou incomodado, eu tenho uma coisa errada com isso”.~~

E havia mesmo uma coisa errada com Álvaro. Ele só não era heterossexual, mas ainda não entendia isso direito.

Nós LGBTs temos uma companhia extremamente desagradável nessa fase da vida que pode ser considerada até a nossa sombra... mas diferente do que muitas pessoas falam sobre as sombras, a gente não costuma esquecer que ela existe. Sempre tem alguém lembrando que ela está lá, e esses lembretes não são nada gentis.

**09:35 - 09:49 Pedro 1:** “Posso fazer uma pergunta pra você e você não vai ficar chateado? Eu sempre já ficava naquela, naquele suspiro assim, meu Deus vai perguntar sobre mim e vai me descobrir...”

### Inserir trilha

Você deve lembrar daquelas cenas de filmes apocalípticos no qual as pessoas correm da destruição para tentar se salvar... Pronto, quando essas perguntas chegavam, por dentro, a gente se sentia dessa forma, em perigo, em busca de um lugar seguro, mas por fora, na maior naturalidade, a resposta era essa...

**10:03 Pedro 1:** *“Que eu era homem, que eu não era gay”.*

Além de tentar ajustar a forma que andava, como ele contou no primeiro episódio, Pedro era obrigado a viver muitos momentos sozinho na escola. Era uma forma de ter ao menos tranquilidade em um cenário tão violento.

**07:01 - 07:34 Pedro 3:** *“Eu tinha dificuldade de passar no corredor às vezes ~~no no~~ na hora do recreio porque eu ia justamente fazer aquela caminhada reboiativa naquele corredor ali. Então, eu não queria ser aquela figura que ia passar rebolando e as pessoas iam observar. Então, eu sempre tive esse cuidado por onde eu ia passar, que horas. Eu lembro que teve um momento, acho que sétima, oitava série ali, no momento do recreio eu lanchava e voltava pra dentro da sala, porque lá dentro da sala estava sozinho. Eu não estava naquela multidão de gente que ia me ver. Eu ficava lá. Ai às vezes eu ia pra biblioteca. Foi quando eu comecei a pegar o gosto pela leitura, porque lá eu ficava ~~em tipo assim enclausurado dentro da da dentro do de uma~~ de uma certa segurança, uma certa seguridade”.*

**00:40 - Música Não Recomendado - Caio Prado:** *“A placa de censura no meu rosto diz, não recomendado à sociedade, a tarja de conforto no meu corpo diz, não recomendado à sociedade, a placa de censura no meu rosto diz, não recomendado à sociedade, a tarja de conforto no meu corpo diz, não recomendado à sociedade...”*

### **Manter trilha, mas baixar o volume**

A gente começa a acreditar em tudo que dizem sobre nós.

**01:18: Música Não Recomendado - Caio Prado:** *“Perverso, mal amado, menino malvado, muito cuidado, má influência, péssima aparência, menino indecente, veado perverso, mal amado, menino malvado, muito cuidado, má influência, péssima aparência, menino indecente, veado...”*

O psicólogo João Brod explica como funciona o processo de identificação na adolescência, além dos desafios que os jovens enfrentam enquanto LGBTQIA+.

**02:08 Psicólogo Brod Jacobs:** *“A gente sabe que todo adolescente, ele tem uma pergunta dentro de si, que é a busca da identidade. Quem sou eu? Então o adolescente LGBT ele vai passar além desse processo de identificação como também por todo aquele preconceito que ele acaba internalizando a sociedade.*

*(02:49 - 03:02) Muitas pessoas LGBT começam já a se tornar conscientes sobre os seus desejos e orientação sexual nesse momento e tudo isso acaba dificultando mais as coisas por causa de todo o preconceito que elas começam a enfrentar”.*

O corpo de Mesis Fernandes, uma mulher trans, negra, de 23 anos, não costuma ser recomendado em nenhuma das instâncias sociais. Hoje ela é modelo, criadora de conteúdo e

analista de marketing, mas sentiu isso na pele ainda na adolescência, quando estava dentro de uma escola.

**24:32 - Messis Fernandes:** *“Uma vez eu entrei no banheiro feminino e eu fui impedida, né? Me expulsaram de lá, chamaram a coordenação e o pessoal uma representante da coordenação me tirou dentro do banheiro disse que eu não poderia estar lá não era o meu banheiro e depois disso eu fui recorrer a alguns professores mas não deu em nada”.*

É muito constrangedor que até um banheiro seja um espaço negado a determinados corpos e identidades. Linn da Quebrada fez uma reflexão no programa Saia Justa do canal GNT sobre a existência desses corpos e o risco iminente, simplesmente, porque eles existem.

**Trecho da entrevista de Linn da Quebrada:** *“Alguns corpos já estão acostumados ao risco, o risco pra mim já está estabelecido. No momento em que eu ~~decido em que eu que eu decido~~ existir, isso já é um risco estabelecido. E pra mim, eh, agora eu preciso tensionar para que as coisas possam existir pra mim de uma forma um pouco mais confortável, né?”.*

Messis, diferente de muitas pessoas LGBTQIA+ e, principalmente, trans, sempre teve o suporte do pai e da mãe dela desde que se entende por gente. Antes de precisar lutar por um lugar ao sol na sociedade, os pais dela já vinham preparando todo o caminho para ela pisar.

**04:17 - 04:34 Messis 1:** *“Minha família estava mais ali alerta né, porque já notavam que eu não era aquele padrinho que diziam que eu deveria ser oh, nasceu assim, assim, assado tem isso é menino, tem isso, é menina. Eles já entendiam isso e aí ficavam mais nesse estadozinho de alerta de observação, na realidade”.*

Durante toda a conversa que tive com Messis, a palavra AMOR foi citada muitas vezes. Ela foi uma criança amada, uma adolescente amada e hoje também é uma adulta amada. O fato de ter sido acolhida logo cedo, fez com que a jornada de Messis pelo mundo fosse um pouquinho mais leve. Afinal, qualquer desequilíbrio que houvesse, ela tinha a quem recorrer.

### **Música Um Amor Puro Djavan**

**11:19 - 11:32 Messis 1:** *“O seio da nossa família é o amor primordial. É o primeiro amor que a gente experimenta, que a gente passa, porque é um amor que é ~~carregado de que é pra ser~~ carregado de proteção, de cuidado, de amparo, de exemplo. Né? De generosidade, de gentileza. É o amor primordial. É onde parte tudo. E a partir desse amor você vai conseguir amar e ser amado e se portar na sociedade... (12:20) Quando minha a família secundária viu que os meus pais estavam ali, se prontificaram a me levar pra fazer um exame no endócrino, a comprar uma harmonização pra mim. Quando eles viram que eu estava tendo esse apoio, eles viam que nada poderia me abalar. Que nada poderia me atingir. Porque eu tinha os meus pais pra fazer aquilo por mim, sabe?”.*

### **Manter trilha Um amor Puro**

A música *Um amor puro* de Djavan é a canção que Messis costuma ouvir com a mãe dela.

Quem dera que a convivência com nossos pais e a nossa família fosse tranquila e saudável. Mas, infelizmente, as religiões têm uma grande influência nas relações de pessoas LGBTQIA+. Michelli passou por uma situação traumatizante quando os integrantes da igreja que ela fazia parte foram informados da sexualidade dela.

### **Desce trilha**

Ela foi criada dentro dos dogmas da igreja Testemunhas de Jeová. Teve um momento, inclusive, que ela ouviu que os homossexuais eram uma criação de satanás, pois Deus faz as coisas perfeitas...

**10:19 - 11:31 Michelli 1:** *“Eu lembro de uma vez que minha mãe descobriu essa minha namorada e ela não conversou comigo sobre, assim. Que ela ia chamar os homens da congregação para conversar comigo. Aí um belo dia eu fui a contragosto pra igreja e no final da reunião eu fui chamada para conversar com um grupo de homens. Não tinha nenhuma mulher presente, só a minha mãe chorando. E eles assim, perguntam coisas super invasivas sobre a minha vida, sabe. Assim já teve relações sexuais ~~com essa~~ com essa mulher, ~~voce eh~~ se você sabe que o que que a Bíblia diz sobre isso e tal. E eu lembro que nesse momento eu fiquei tão nervosa e me senti tão coagida... porque pensa, eu estou numa sala reservada com, acho que eram uns quatro ou cinco homens, de terno e gravata, olhando pra você, todos com a Bíblia na mão, sua mãe chorando do lado como se dissesse assim, meu Deus, alguém tem que dar um jeito nela. E aí eu lembro de ter falado não, eu não sou assim, eu não sou isso, sabe? Mas assim, chorando também, porque eu não queria na verdade que tivesse acontecendo aquela situação”.*

### **Inserir trilha mais emotiva**

A situação que Micheli torceu pra acabar, obviamente teve fim. Mas mesmo depois de adulta, o que ela viveu dentro daquela sala ainda ecoa no existir dela, ainda que em pequenos sussurros, as palavras verbalizadas pelos homens, o som do choro da mãe dela, ainda a faz sentir culpada por ela ser quem é.

Linn da quebrada, que também fazia parte da religião Testemunhas de Jeová, fala sobre o impacto da religião na vida dela.

**Trecho Saia Justa com Linn da quebrada:** *“Ali, tem uns livros, né? Que se estudam pra falar sobre sexo, sexualidade. E a masturbação era proibida. Pra vocês terem noção, me masturbava, depois chorava, pedia perdão pra Deus. Eu juro que é a última vez, que isso nunca mais vai acontecer. Fazia de novo. Daí teve uma vez que até o momento em que eu já entendo que eu vou ser destruída, desisto... mas eu cresci com culpa, eu percebi isso depois da minha adolescência, o quanto isso criou traumas na minha sexualidade em todos os*

*aspectos da minha sexualidade. Culpa em relação ao meu corpo, aos meus desejos, mas, inclusive, no aspecto de tocar o meu próprio corpo, de buscar o prazer comigo, comigo mesma. De uma certa forma eu incorporei o que meu prazer estava em dar prazer para o outro”.*

O psicólogo Jorge faz uma reflexão sobre essa questão da culpa.

**15:49 - 16:30 Psicólogo Jorge 2:** *“A gente vai acreditando nessas narrativas porque durante ~~o~~ os estados de desenvolvimentos iniciais e infância e adolescência a gente ainda é muito dependente não só financeiramente, não só ~~na~~ na questão de ~~de~~ medidas protetivas que vem dos nossos pais ou ~~ou~~ do responsável, né? Que a gente é também ~~é também~~ refém ou então é também dependente da visão de mundos daquela pessoa. Então, é a partir daquelas pessoas que a gente vai ser socializado, né? E só ele vai se tornar um indivíduo socialmente adaptado”.*

A problemática disso é o que nomeia este episódio, "Camadas de proteção". Esse movimento inconsciente por adequação, e às vezes até consciente mesmo, acaba nos fragmentando. De certa forma é como se ao longo da vida nós precisássemos nos defender tanto de tudo e todos que um pouquinho do que nós somos começa a ficar para trás. Aquela ideia de performances citada pela filósofa Judith Butler passa a ser forjada para agradar alguém ou para se proteger.

**17:02 - 18:19 Psicólogo Jorge 2:** *“E por mais que com o amadurecimento a gente vá percebendo que muita coisa não bate, no sentido de muita coisa não corresponde ao que foi dito sobre nós, a gente ainda continua tentando corresponder porque é a realidade que a gente conhece, né, e aí querendo ou não tem uma relação afetiva positiva ou então por muito ter sido julgado ~~julgado~~ ~~em~~ numa relação dentro tendo uma relação negativa né? ~~Emocionalmente negativa~~ a gente vai tentar corresponder aquele padrão vai criar esse personagem como a capa de proteção, né? Seja ~~seja~~ um personagem que vai surgir a partir da necessidade de querer corresponder ou querer se proteger”.*

**Música Pérola Negra - Gal Costa:** *“Tente passar pelo que estou passando, tente apagar este teu novo engano, tente me amar pois estou te amando, baby te amo, nem sei se te amo... tente usar a roupa que estou usando, tente esquecer em que ano estamos, arranje algum sangue escreva num pano, pérola negra, te amo, te amo...”*

**Jayanne gravar:** *“Um estudo publicado pelo IBGE em maio de 2022 mostra que a comunidade LGBTQIA+ é formada por quase 3 milhões de pessoas. De acordo com o levantamento, a população de homossexuais ou bissexuais é maior entre os que têm nível superior e maior renda. Por região, o Sudeste registra o maior número de pessoas da comunidade, enquanto o Nordeste, o menor.*

*De acordo com o órgão, os números registrados podem estar subnotificados, pois o preconceito ainda impede essas pessoas de se autodeclararem gays, lésbicas, trans, entre outras identidades”.*

Essa voz que você ouviu é de Jayanne Rodrigues. Diante desse cenário narrado por ela, uma outra camada de proteção quando se trata de pessoas LGBTQIA+, é que uma das poucas saídas para ser minimamente aceito nas famílias é através dos estudos. Existe uma busca para não depender mais financeiramente dos familiares, mas também de se reafirmar no mundo como alguém útil, para além da sexualidade.

Lembra de Álvaro quando foi orientado pelo pai a não dançar e não ver o desenho das três espiãs demais? Aquela atitude e outras que enfrentou ao longo da adolescência impactaram a vida dele de várias formas. E por isso, ele começou a se proteger de possíveis críticas, deixando de assistir desenhos específicos, de se expressar dançando, passou a ficar mais isolado na escola e focado em estudar, porque era a única forma, em tese, que poderia agradar, efetivamente a família sem precisar verbalizar muita coisa do que estava sentindo.

**19:16 - Álvaro 1:** *“No final dos meus estudos na faculdade, né, ~~na faculdade~~ eu fiquei doente porque eu estava focando muito em estudar. Eu não dormia muito bem, eu sempre estava estudando, era integral, né? Estudava de manhã, de tarde, chegava em casa de noite, estudava de noite, de madrugada. E aí eu fiquei doente. E o doutor falou, ó, você precisa relaxar mais, você precisa sair mais, você precisa curtir mais sua vida. Você precisa viver!”*

Viver sempre foi um dos grandes desejos de Álvaro. Mas ele passou boa parte da vida recluso em casa. Por causa disso, muitas experiências deixaram de ser vividas.

Messis, enquanto mulher trans, precisou trabalhar desenfreadamente até chegar ao ponto de exaustão. Sem descanso, a ansiedade chegou mais forte do que ela esperava.

**10:30 - 11:01 Mesis 2:** *“Foi fruto de um ~~um~~ esforço mental muito grande quando eu percebi isso, de, tipo, eu vou ter que me esforçar três quatro vezes mais do que uma pessoa ~~em~~ branca, cis, hetero pra poder ter algum tipo de reconhecimento? Isso me fez ter crises absurdas e foi bem no período em que eu comecei a morar sozinha”.*

João Brod nos conta que esse movimento de mergulhar nos estudos ou mesmo no trabalho pode ser bastante comum entre pessoas LGTBQIA+.

**02:31 - 03:04 João Brod:** *“A criança LGBT ela vai começar a deixar de ser quem ela é. Ela acaba se reprimindo e tentando se encaixar como pode nesse padrão heteronormativo. Talvez o menino LGBT+ por exemplo nunca vá gostar de futebol, mas ele vai deixar de fazer algumas atividades criativas que muitas vezes são associadas com o feminino, mas que ele pode gostar, como por exemplo, dança, pintura e ele começa a focar em outras coisas, que são mais bem aceitas para o heteronormativo a nossa sociedade preconceituosa, como os estudos. E na verdade muitas crianças LGBT+ acabam se jogando nos estudos pois é algo incentivado universalmente para meninos e para meninas. E gera essa validação pelos pais, pelos professores e etc”.*

**00:03 - 01:16 'Fala povo' sobre matar homossexuais** *“Você tem ouvido falar em noticiários jornais TV, rádio sobre assassinatos de homossexuais? - Já, já sim! O que você pensa disso? Acho que tem mais é que assassinar mesmo. - Eu tenho muito contra eles. Tenho muita coisa contra eles. Eu acho que eles estão poluindo a cidade de São Paulo. - Eu acho eu acho que deve acabar, de uma forma ou de outra, prendendo, matando. Eu sou contra estão homossexual. Você acha que deveria matar travesti? - Bom, eu acho que se a lei permitir seria uma boa, né?”*

Essas vozes que você acabou de ouvir são de uma reportagem dos anos 80. Anos depois, o 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, relatório divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que em 2021 os crimes de injúria por homofobia ou transfobia, que são enquadrados dentro do crime de racismo, a cada 100 mil habitantes, subiram 147,4%.

Os registros de violência sexual contra pessoas LGBTQ+ em 2021 cresceram 88,4%. Isso representa um total de 179 casos. Em 2020 foram 95. A taxa de homicídio doloso, quando há intenção de matar, cresceu 7,2%,

### **Trilha som abstrato**

E aí eu te pergunto, além de todas as normas citadas para nos adequarmos ao que entendem por correto, como é possível se desenvolver de forma saudável sabendo que a qualquer momento podemos morrer só por ser quem somos? Nós estamos vulneráveis! E ainda que a morte não nos alcance de fato, em geral, é na infância e adolescência que desencadeamos vários processos de adoecimento mental...

**24:18 - 25:01 Michelli:** *"Eu já me senti muito culpada até hoje pela questão sexual mesmo, sabe? Do desejo, do prazer é uma coisa muito complicada pra mim. Eu sou uma pessoa extremamente ansiosa, eu tenho ansiedade generalizada, diagnosticada. Eu sou uma pessoa depressiva, sou uma pessoa que tem muita dificuldade em acreditar em mim, sabe? Assim, de me dar credibilidade pra tudo que eu faço, pra tudo que eu sinto, eu tenho muita dificuldade em sentir alguma coisa e sustentar isso, sabe?"*

**05:46 - 06:18 Alvaro:** *“Eu me sentia inferior a todo mundo, ah, tipo sou todo mundo mesmo que eu via que eu estava ali, é que eu conhecia eu me sentia inferior a eles, né, é como se eles fossem sempre melhor que eu em tudo, sabe, como se eles merecessem sempre tudo. E eu nunca era bom pra nada, nunca era o suficiente. Né? Às vezes eu tinha amizades mas eu ficava, tipo, não sei, não consigo encaixar porque todo mundo sempre parece melhor que eu, né? Todo mundo está acima. E disso foi por um tempão, né? Até perto da fase adulta eu ainda sentia isso.”*

Essas falas de Michelli e Alvaro trazem muita angústia e até mesmo ausência de perspectiva. Mesmo porque a construção das identidades LGBTQIA+ são atravessadas por um processo constante e intenso de diversos tipos de violência. Quem fala sobre isso é a psicóloga Débora Gramkow.

**02:50 - 03:17 Psicóloga Débora 2:** *“A pessoa tem um impacto da violência na formação de uma pessoa que faz parte da comunidade ~~queer~~, que é problemática. A formação de uma pessoa ~~queer~~ não tem problema nenhum. O problema é violência no que é imposto desse padrão heteronormativo, né? Quais são? Violência internalizada, transfobia internada. Porque uma coisa é os outros falarem coisas pra gente, outra coisa é a gente acreditar”.*

**Música Medrosa - Linn da Quebrada** *“Não tenho coragem de enfrentar nada. Não tenho coragem de enfrentar, tenho que enfrentar a violência, a grosseria. E ir à luta pelo pão de cada dia, sou advogada de defesa, salva-vidas, eu não sei fazer justiça, não sei como faz justiça, eu não sei fazer”*

Pedro um dia indo ao psicólogo disse que precisava matar a criança que ainda existia dentro dele. Com esse desejo muito forte de eliminar as marcas deixadas pela infância, ele criou uma estratégia simbólica sempre que voltava do consultório do psicólogo, que fica ao lado de uma funerária.

**03:48 - 04:04 Pedro 2:** *“Tenho uma brincadeira que sempre que eu volto, eu vou e pego o meu Pedro, o meu eu antigo e deixo lá nessa funerária para ser velado. Porque dali em diante, já sigo um ~~um~~ outro Pedro, novo Pedro, tipo assim, renascido”.*

**Inserir música Free - Florence The Machine**

E é justamente com essa música no fone de ouvido, que Pedro costuma andar pelas ruas da cidade se sentindo mais forte, capaz e seguro de quem ele se tornou.

**Mantém música de Florence The Machine com volume mais baixo:**

**08:19 Pedro 3:** *“Hoje eu acho que eu estou mais já abrindo as asinhas. Mas por um bom período de tempo eu acho que eu sempre tive dentro desse ~~desse~~ casulo, dentro ~~dessa~~-dessa casa protetora ~~chamada protetora~~”. (17:19) Pedro 1: E aí quando eu pego e volto pra questão de pensar essas identidades fluídas, que acontecem dentro do meu corpo, dentro da minha imagem. E às vezes entender que ~~eu estou~~ tem dia que eu estou de cabelo pranchado, com a sobrancelha feita, estou com a barba feita e as unhas grandes e eu estou todo depilado, estou todo feminino. Aí tem outro dia que eu já estou com um aspecto mais... tem umas roupas masculinas aí com uma bota, uma calça, um cinto.*

*Aí tem um outro dia que eu já estou uma coisa mais fabulosa, que eu estou toda de verde, a saia verde, uma camisa toda verde, um uma fita verde, né? Uma amarrada aqui, um chapéu de palha... (19:01) Hoje eu me respondo nesse lugar assim. Hoje eu me organizo e reorganizo meus pensamentos, minhas sensações dentro desse ~~dentro desse desse~~ aspecto assim, vou viver essas coisas assim e foda-se”.*

## Baixa trilha

São todas essas experiências que nos diferenciam da formação de uma pessoa heterossexual. E por mais que haja um grande desejo de dizer que somos todos iguais, essas violências não atravessam uma pessoa hétero, porque as performances dela na sociedade já são presumidamente aceitas.

Na adolescência e na infância, as crianças héteros não precisam lidar com essas questões. Elas não estão inseridas em um contexto de preconceito 24 horas por dia, são outras problemáticas.

## Mantém música de Florence The Machine

Depois de todo esse processo, nós, na maioria das vezes, vamos à busca da aceitação. Com amadurecimento e suporte psicológico alguns medos e receios ficam para trás. Agora é hora de resgatar quem somos e planejar nosso futuro, tema que será abordado no terceiro e último episódio, ‘Resgate das identidades’, do podcast Identidade Forjada.

Essa produção é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Eu sou Pedro Miranda, faço a produção, roteiro, edição e mixagem deste trabalho com orientação da professora Teresa Leonel.

### Técnica Episódio 2

**Roteiro:** Pedro Miranda

**Edição de áudio:** Pedro Miranda

**Identidade Visual:** Pedro Miranda

**Orientação:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Teresa Leonel Costa

### Músicas:

- Não Recomendado - Caio Prado (2014) - Composição e interpretação: Caio Prado;
- Um Amor Puro - Djavan (1999) - Composição e interpretação: Djavan;
- Pérola Negra - Gal Costa (1993) - Composição: Luis Melodia;
- Medrosa - Linna da Quebrada (2021) - Escrita por Stella do Patrocínio;
- Free - Florence The Machine (2022) - Jack Antonoff e Florence Welch.

## APÊNDICE 5 - Roteiro EP 3 ‘Resgate das Identidades’

**Teaser:** Você está ouvindo o podcast ‘Identidade Forjada’. E esse é o terceiro e último episódio ‘Resgate das Identidades’. Caso não tenha ouvido o primeiro e segundo episódio na sequência, te sugiro voltar um pouquinho para que possa compreender a proposta do produto na íntegra.

### Som de mensagem do Whatsapp

**Mãe de Pedro:** *“Não é mais meu Pedrinho, é meu Pedro”.*

Esse é um pequeno trecho da mensagem que a mãe de Pedro Lacerda mandou quando ele completou 30 anos. Eles sempre tiveram uma boa relação. Pedro era aquele filho de sair para conversar, de acompanhar ela no mercado, na fila do banco. Sempre houve uma aproximação na relação materna e de mulher que a mãe dele exerce.

**02:47 Pedro 2:** *“A partir dessas pequenas coisas, acho que é simbólica também até, eu fui fazendo dissociações assim desse Pedrinho criança pra esse Pedro também agora adulto. Também me compreendendo com esse corpo, ~~também no~~ no mundo. Não que eu não estivesse ~~no~~ no mundo antes, mas, tipo, estando nele e observando ele e ressignificando ele também”.*

As coisas começam a se encaixar na nossa vida. Agora mais maduros e maduras, a gente começa a enxergar a vida por outra perspectiva. Pode ser que, finalmente, nosso cérebro completou o ciclo de desenvolvimento, que de acordo com algumas pesquisas vai até os 25 anos, ou mesmo porque estamos cansados de viver em conflito com a nossa identidade. Eu apostaria nas duas coisas.

Mas, não é tão simples como pensam. A gente não acorda do nada e pensa "hoje eu decidi me aceitar..." é um processo. Todos os dias a gente se aceita um pouquinho. Para muitos de nós, LGBTQIA+, se aceitar costuma ser um dos maiores momentos de alívio da nossa vida.

Claro que em geral, essa aceitação, às vezes, envolve nossas mães, pais, mas de qualquer parte que venha esse sentimento, ele é transformador. É realmente como se tirasse um fardo das nossas costas. Foi assim comigo, com Álvaro, com Michelli, com Pedro e com Messis.

Todos nós tivemos experiências diferentes com esse momento. Álvaro, por exemplo, iniciou o processo de aceitação dele de forma inesperada. Ele tinha passado por um término de relacionamento e ficou muito mal, inclusive foi a segunda vez que ele recebeu o diagnóstico de depressão.

**29:17 - 30:47 Alvaro 1:** *“Minha família estranhou, né? Perguntava o que estava acontecendo, porque eu estava muito estranho. Eu não estava saindo, eu não estava comendo direito, eu estava perdendo peso, só estava dormindo. Eh estava bem ~~bem~~ apático e tal. E aí eu não conseguia contar, né? Só dizia, ah, não, estou bem. Mas o porquê eu não ~~não~~*

*conseguia dizer. Porque eu ainda não tinha essa liberdade de falar pra eles. E aí até que teve um dia que eu estava na casa da minha avó e ela me chamou pra conversar, né? E ela não chegou diretamente pra mim e perguntou, você é gay? Não. Porém, a forma que ela conversou comigo, dá pra entender que ela queria lhe perguntar isso, né. E eu acabei confirmando mas sem falar ó, eu sou gay. Porém, ela realmente entendeu o que eu queria dizer. E ela falou, não, fique tranquilo, não tem problema nenhum. Por mim você tem todo o meu apoio para viver sua vida. Não fique angustiado. Não fique preocupado com o que os outros vão pensar. Não fique preocupado com os seus pais, sabe? Seus pais têm a vida deles. Eles estão vivendo a vida deles. Você tem que viver a sua. Você tem que viver como você quer. Fazer o que você gosta, né? E a partir daí eu já me senti mais encorajado!”.*

Depois disso foi um efeito cascata. Os primos ficaram sabendo, as tias, os tios... mas todos respeitosos. A mãe dele foi mais resistente quanto à sexualidade. Ficou sabendo em outro momento.

Certo dia, Alvaro bateu o carro, estava estressado, e a mãe perguntou o que tinha acontecido, em seguida, emendou a pergunta sobre ele estar namorando... depois perguntou se era um menino ou menina... e ele confirmou que era um homem.

**32:48 - 33:01 Alvaro 1:** *“Hoje em dia ela chega pra mim e conversa, né? E fala, ó é mais importante que você viva bem, né? Que você viva feliz, que você viva com quem você quiser, como você quiser, do que você está triste, angustiado, sabe? Se reprimindo, se culpando por esse tipo de coisa, sabe? Ela falou pra mim, o mais importante é você viver sua vida. E você tem meu apoio, independente de qualquer coisa”.*

Esse processo de aceitação é complexo e constante. A princípio, Álvaro nem queria que a gente utilizasse o nome dele aqui no podcast. Ao fim da entrevista ele decidiu que não fazia mais sentido se esconder e autorizou usar o nome real.

### **Música Born This Way - Lady Gaga**

Lady Gaga faz parte da vida de muitas pessoas, principalmente de nós LGBTQIA+. Quando ela lançou Born This Way, que em português significa ‘Nasci assim’, foi um momento histórico para a comunidade em todo o mundo. A música que logo seria considerada um dos hinos do orgulho LGBTQIA+ ajudou e ainda ajuda muitos de nós a libertar esse sentimento de culpa por termos nascidos gays, lésbicas, bissexuais, trans, travestis, queer, intersexuais, assexuais e panssexuais.

Pedro lembra de vários momentos ao lado da irmã assistindo vídeos da Lady Gaga em casa enquanto almoçavam.

### **Manter trilha, volume mais baixo**

17:16 Pedro 2: “Minha irmã mais velha que já era sapatão, já estava andando com menina assim, ganhou um ~~sapato um~~ DVD que tinha uns shows da Lady Gaga, uns vídeos da Lady Gaga. E aí trouxe esse DVD. ~~E aí~~ eu lembro ela, minha irmã mais nova e eu, tipo assim, depois da escola a gente estava almoçando e assistindo esse DVD. A gente assistiu esse DVD ~~assim~~ todos os dias. Assim, era o nosso o nosso momento. (18:03) E ali já comecei assim oh boom, boom, mirabolar essa ~~essa~~ felicidade interna mesmo”.

Essa e outras canções que fazem parte das vivências de muitas pessoas nos lembram de tudo que passamos para alcançar um espaço de tranquilidade na vida. E, claro, um podcast não dá conta de abordar todas as experiências para se chegar nesse lugar de aceitação.

### Finalizar música

Michelli fez terapia, melhorou a relação com a mãe, com a irmã e com os outros familiares. Fez amigos e neles encontrou uma nova família. Mas o momento que ela iniciou o processo de aceitação foi após o funeral da ex-namorada.

**04:04 - 5:47 Michelli 2:** “O primeiro relacionamento que minha mãe soube, porque eu já era adulta ~~eu~~ já trabalhava e assim ainda era bem difícil pra mim porque é por exemplo minha mãe falava ‘ah, não é amiga de Michele, a amiga não sei o que’, sabe? Mas no momento em que eu passei por todo aquele trauma mesmo, sabe? Que eu vi que não importa se eu sou lésbica, se eu sou bissexual, se eu sou hétero, se eu sou sabe? Se acontecer uma coisa muito triste comigo, muito grave, eh sabe?

“Eu vou chorar do mesmo jeito que é uma pessoa hétero chora. Eu vou sofrer do mesmo jeito, eu vou ter sequelas e enfim. Quando eu vi, que eu consegui, eu tive o apoio da minha mãe do jeito dela, mas eu tive pra ir pro funeral da minha ex-namorada. Aí eu percebi, não, assim, ~~não tem~~ não tem porque ~~eu estar~~ eu ainda pensar em me relacionar com homens, pra ter algum tipo de ~~de~~ afeto a mais, de suporte, da minha família. Mas eu precisei chegar nesse nível nesse tipo de situação pra eu entender que eu tinha esse suporte”.

**Música Como 2 e 2 - Ney Matogrosso** “Tudo vai mal, tudo, tudo é igual quando eu canto e sou mudo, mas eu não minto, não minto. Estou longe e perto. Sinto alegrias, tristezas e brinco, meu amor, tudo em volta está deserto, tudo certo, tudo certo como dois e dois são cinco”.

Se antes não podia falar sobre a sexualidade dela, depois dessa situação, isso caiu por terra. Por causa do luto, a mãe e a irmã se envolveram com os sentimentos de Michelli. Ela precisou contar como foi o relacionamento, como estava se sentindo... o que de certo modo melhorou a relação delas.

**07:33 - 07:46 Michelli 2:** “Eu não guardo mais nada assim, me magoou, eu falo, me estressou eu falo, sabe? Mas eu acho eu acho uma pena assim ~~eu ter~~... primeiro ter que ter passado por uma tragédia, um luto pra ~~eu me sentir~~ ~~eh~~ ter um suporte da minha família pra

*eu sentir que eu tenho esse suporte, e assim, chegar a sentir dores físicas pra eu começar a falar as coisas que me incomodam, sabe?*

A chave de Messis virou quando ela comprou as primeiras peças de roupas femininas.

**29:04 Messis 1:** *“Final de ano e aí eu comprei com o meu próprio dinheiro algumas peças femininas pra usar. (34:34) Eu vesti uma pantalona, um macacãozinho pantalona que só tinha duas alças pretas, inclusive eu ainda tenho essa peça. (35:31) Eu não me desfaço de jeito nenhum. Eu acho que quando eu visto ou quando eu vejo é uma lembrança muito boa. Sabe? (29:11)E aí eu lembro que fez foi um reboliço muito grande” (29:19) “De o povo olhar assim pra mim e dizer como assim? Quê? Hã? Não entendi. Não era gay? Como assim? Não entendi.”*

Esse estranhamento das pessoas ao verem Messis pela primeira vez com roupas femininas é justamente o que a teoria *queer* crítica sobre a construção das identidades sexuais e performances na sociedade. A professora Carla Paiva explica qual a proposta do movimento político na prática.

**33:46 - Carla Paiva:** *“É um movimento que usa essa expressão de gênero, que usa a forma de andar, de falar, de portar e se vestir, como uma ação política e filosófica pra questionar as identidades de gênero que a gente conhece: masculino e feminino. (36:15) E eles vão fazer essas discussões filosóficas muito forte através do seu discurso em todos os ambientes que eles tiverem. E eles vão usar o seu corpo como um uma arma política. (36:49) Vai usar o corpo como uma expressão política ~~contra~~ não só heteronormatividade, mas contra a qualquer forma de dominação sobre os corpos”.*

A proposição é de que a gente passe a incorporar na sociedade o que a teoria chama de corpos abjetos, que são os corpos esquecidos, os corpos que não são bem vistos socialmente, e aqui não se refere apenas a corpos de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

**37:16 - Carla Paiva:** *“São corpos de pessoas gordas, né? São corpos de pessoas com deficiência, né? Com algum tipo de deficiência. São corpos de pessoas negras porque os corpos de pessoas negras também são corpos abjetos. Também são corpos que sofrem violência. (38:42) E esse movimento filosófico político expandiu pra pensar para além da identidade de gênero e da expressão de gênero, mas para pensar outros aspectos da nossa sociedade que vão de encontro a qualquer perspectiva de dominação sobre os corpos”.*

Essas expressões de gênero que Carla acabou de citar ressaltam, justamente, os conflitos que Pedro vivenciou em função do seu modo de caminhar. Por um tempo ele até tentou modificar isso pra passar despercebido, mas foi uma senhora de Araripina, interior do Sertão de Pernambuco, inclusive a cidade onde ele nasceu, que estimulou Pedro a perder a vergonha de andar. Durante uma conversa ela disse...

**13:33 Pedro 1:** *“O teu jeito de caminhar é igual ao do seu pai, do mesmo jeito, parece que tô vendo ele caminhando...” (13:47) **Aí foi ali que eu pegando nessa memória foi quando disse assim, rapaz, se o meu pai, que é meu pai, caminha rebolando, porque que eu não não-vou poder caminhar rebolando também?”***

E a culpa que carregava desse comportamento teve fim. Mas os questionamentos sobre a própria identidade se mantiveram. Ele já tinha iniciado o processo de aceitação, mas volta e meia esses sentimentos de inadequação retornam.

**34:02 Pedro 1:** *“Às vezes dá a própria comunidade mesmo tem um ~~um~~ querer saber o quê que ~~o que que~~ você está sendo agora, do que que é, o que que você é e como é que você se define. (34:15) **Naquele momento eu estava assim, tipo, minha cabeça em efervescência de julgamentos, começava, gente, o que é que eu tenho que ser, o que é que eu sou agora?”***

**34:35 Pedro 1):** *“Mas se eu for isso? Mas se eu for travesti? **Aí outro dia era, e se eu for trans? **Aí não, isso, não, mas talvez eu deva ser queer. Não, mas eu hoje eu tô gay, não mas hoje eu estou masculino. Mas eu vou ser feminino. E isso assim estava assim, oh o meu juízo martelando”*****

A psicóloga Débora destaca que, metaforicamente, essa necessidade da rotulação para se entender dentro da comunidade LGBTQIA+ é uma forma de cortar partes de si.

**12:02 - 12:31 Debora 2:** *O problema é o que isso te custa? O que custa você entrar numa caixinha? Cada pessoa vai ter uma resposta pra essa pergunta. Vai ter algo que deixou pra trás, vai ter um sofrimento muito grande de achar que não merece viver, porque há uma dissonância inclusive do que se é e do que se performa.*

É estranho pensar que foi a ciência, junto de outras instituições sociais de poder, que transformaram nossa existência em algo patológico, de doença, anomalia. E hoje, é justamente essa mesma ciência, principalmente relacionada à saúde mental, que busca formas de nos ajudar dessa angústia por simplesmente existir.

Todas as vozes nesse podcast já precisaram buscar ajuda psicológica profissional. E talvez por isso, tenhamos certo equilíbrio pra lidar com essas marcas. Não somos mais quem éramos antes, mas conseguimos entender o que sobrou da nossa identidade antes dessas violências, para construir o que queremos ser.

### **Música- Façamos (Vamos Amar) - Elza Soares e Chico Buarque**

**12:02 - 12:45 Pedro 3:** *“Hoje eu me sinto feliz e meio que contemplado assim com essas elucidações de corpo de ser humano de consciência. (16:03) **Pronto, agora esse Pedro aqui você não precisa mais ser, agora seja Pedro que fala, esse que se comunica. Esse que que impõe também o que que você é, o que que você gosta, o que que você não gosta, como é que você quer, como é que você não quer. (12:15) **Acho que engajado também com a vida, tem*****

*uma ~~uma~~ frase que eu adoro que é de um picolezinho do... acho que é da Kibon que é assim, 'se o mundo pode mudar você, você também pode mudar o mundo'. E aí quando eu vi aquilo eu entendi que mesmo você sendo um palito de picolé, chupado, você pode fazer uma transformação”.*

**20:17 - 20:46 Michelli 2:** *“O que mais mudou pra mim foi isso. Entender que ~~eu tenho~~ que eu mereço ser respeitada assim e tudo bem você tem a sua opinião, você não concorda comigo, mas você tem que me respeitar da mesma forma que eu sempre fui ensinada a respeitar pessoas heterossexuais, cristãs e tal, enfim”.*

**17:49 Alvaro 2:** *“Hoje eu me arrependo de muita coisa que eu deixei de fazer, de viver, né? Perdi muito tempo, fazer e se achar que tivesse essa ajuda antes hoje eu me sentiria mais livre pra fazer muita coisa, né? E teria feito muita coisa antes, né? Não teria sido tão preso, não teria tanto medo”*

**08:20 - 08:32 Messis 2:** *“A Messis de antes ela tinha muito medo de colocar um salto, de colocar uma saia, de colocar um vestido, botar maquiagem na cara, alisar o cabelo e sair, o que ela tinha medo ~~de do que~~ da reação das pessoas. Só que é o que eu estou te dizendo, quando a gente tem um amor primordial, amor dos pais, a família te apoiando quem vem de fora pra te atacar não é ninguém”.*

Mesmo compartilhando dores e passando por situações semelhantes por causa do preconceito, nós não somos iguais. Os estereótipos que costumam definir a comunidade LGBTQIA+ não definem quem somos. A nossa sexualidade é apenas uma parte de um vasto universo de características que nos formam como você vê. O psicólogo, João, inclusive, tem um conselho pra gente!

**04:15 - 4:48 Psicólogo João 3:** *“Então, no fim das contas é apenas sendo quem a gente realmente é, que a gente vai conseguir viver com uma boa saúde mental. A minha dica é a gente se questionar sobre esses estereótipos que a gente se identifica e como que a gente adota esses rótulos. E se eles causam algum prejuízo, seja pra gente ou para outras pessoas. O único jeito certo de ser LGBT é ser quem a gente realmente é.”*

### **Trilha - Músicas de Los Hermanos - De onde Vem a Calma**

Eu costumo contar que quando eu era criança, eu não sabia que era gay. Foram as pessoas ao meu redor que me avisaram. Antes de me entender por gente, várias pessoas já tinham me definido, não tive a chance de me descobrir.

Minha sexualidade chegava aos lugares antes de mim, sempre foi assim. Minha mãe já sabia. Meus colegas já sabiam. Todo mundo já sabia. Mas mesmo assim, ainda não me sentia à vontade para falar sobre isso abertamente.

Em determinados momentos me sentia livre, mas eu queria que minha mãe soubesse por mim. Queria que ela pudesse ouvir da minha boca o que por anos eu temia dizer. Era uma forma de me livrar dessa culpa, desse fardo.

E isso aconteceu aos 18 anos. Sabia que não ia conseguir verbalizar nada, então eu escrevi. Fiz uma carta e disse tudo que havia acontecido na minha vida até ali.

Era um domingo à noite. Entrei no quarto, ela estava sentada na poltrona vendo o Fantástico. Entreguei a carta e fiquei ao lado esperando ela ler. Lembro de sentir meu corpo quente, meu coração pulsando muito forte. Ela olhou pra mim e falou: -- Meu filho, eu te amo da forma que você é.

Eu nunca tinha experimentado a sensação de me sentir completo. Mas naquele dia, a mulher que me gestou, cuidou de mim, e, por vezes, também me magoou, foi a responsável por me devolver parte da liberdade que eu tanto busquei, a de ser eu mesmo.

### **Baixar volume da trilha...**

Obrigado por ter ouvido até aqui! Espero que de alguma forma eu tenha provocado sentimentos bons e muita reflexão sobre a nossa existência enquanto LGBTQIA+. Este trabalho partiu do desejo de tentar, minimamente, mostrar as complexidades que envolvem o nosso desenvolvimento ao longo da vida e os desafios para seguir em frente.

O episódio chega ao fim, mas as vozes que você ouviu aqui continuam desafiando as normas e tentando existir da forma mais confortável que conseguem.

### **Sobe volume da trilha**

Essa produção é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Eu sou Pedro Miranda. Faço a produção, roteiro, edição e mixagem deste trabalho com orientação da professora Teresa Leonel.

### **Técnica Episódio 3**

**Roteiro:** Pedro Miranda

**Edição de áudio:** Pedro Miranda

**Identidade Visual:** Pedro Miranda

**Orientação:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Teresa Leonel Costa

### **Músicas:**

- Born This Way - Lady Gaga (2011) - Composição: Stefani Germanotta, Paul Edward Blair, Fernando Garibay e Jeppe Breum Laursen;

- Como 2 e 2 - Ney Matogrosso (2020) - Composição: Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso;
- Façamos (Vamos Amar) - Elza Soares e Chico Buarque (1999) - Composição: Cole Porter;
- De Onde Vem a Calma - Los Hermanos (2003) Composição de Marcelo Camelo.



**ANEXO - Orçamento do podcast “Identidade Forjada”**

<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>VALOR</b>
Transcrição dos Áudios	R\$ 96,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 96,00</b>